

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS

MARIANNA BICALHO DE ALBUQUERQUE

**FALA ESPONTÂNEA E GESTO: UM ESTUDO QUALITATIVO BASEADO EM
CORPUS**

BELO HORIZONTE

2024

MARIANNA BICALHO DE ALBUQUERQUE

**FALA ESPONTÂNEA E GESTO: UM ESTUDO QUALITATIVO BASEADO EM
CORPUS**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da FALE/UFMG, na linha 1D – Estudos linguísticos baseados em corpora, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Orientador: Prof. Dr. Tommaso Raso

BELO HORIZONTE

2024

A345f

Albuquerque, Marianna Bicalho de.

Fala espontânea e gesto [manuscrito] : um estudo qualitativo baseado em *corpus* / Marianna Bicalho de Albuquerque. – 2024. 1 recurso online (95 f. : il., tabs.) : pdf.

Orientador: Tamaso Raso.

Área de concentração: Linguística Teórica e Descritiva.

Linha de pesquisa: Estudos Linguísticos Baseados em Corpora.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 81-88.

Anexos: f. 89-95.

Exigências do sistema: Adobe Acrobat Reader.

1. Atos de fala (Linguística) – Teses. 2. Funcionalismo (Linguística) – Teses. 3. Linguística de corpus – Teses. 4. Análise prosódica (Linguística) – Teses. 5. Distúrbios da fala – Teses. 6. Gestos – Teses. I. Raso, Tommaso. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD: 414



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

FOLHA DE APROVAÇÃO

Fala espontânea e gesto: um estudo qualitativo baseado em corpus

MARIANNA BICALHO DE ALBUQUERQUE

Dissertação submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS LINGUÍSTICOS, como requisito para obtenção do grau de Mestre em ESTUDOS LINGUÍSTICOS, área de concentração LINGUÍSTICA TEÓRICA E DESCRITIVA, linha de pesquisa Estudos Linguísticos Baseados em Corpora.

Aprovada em 15 de janeiro de 2025, pela banca constituída pelos membros:

Prof(a). Tommaso Raso - Orientador
UFMG

Prof(a). Alessandro Panunzi
Università di Firenze

Prof(a). Bruno Neves Rati de Melo Rocha
UFMG

Belo Horizonte, 15 de janeiro de 2025.



Documento assinado eletronicamente por **Tommaso Raso, Professor do Magistério Superior**, em 15/01/2025, às 16:58, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Alessandro Panunzi, Usuário Externo**, em 16/01/2025, às 14:24, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Bruno Neves Rati de Melo Rocha, Professor do Magistério Superior**, em 17/01/2025, às 16:28, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **3884744** e o código CRC **3A0C6EA3**.

Referência: Processo nº 23072.202863/2025-38

SEI nº 3884744

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Tommaso, pelos inúmeros ensinamentos, pela orientação sempre atenta e assertiva, por ter guiado muitos dos meus passos, desde a graduação até aqui.

À Profa. Heliana e ao Prof. Bruno, pelo apoio, pelo conhecimento compartilhado.

À Camila, por ter me aberto as portas para o estudo dos gestos.

Ao LEEL e a todos os que dele fizeram e fazem parte.

À banca examinadora.

Aos meus pais, por serem tudo.

À minha família e aos meus amigos, por serem porto-seguro.

Ao Kélber, por ser amor.

Ao Antônio, por ser.

*“Il gesto, cioè, apre la sfera dell’ethos come sfera
più propria dell’umano”*

(Giorgio Agamben)

RESUMO

O objetivo deste trabalho, voltado ao estudo da fala espontânea, foi analisar os gestos produzidos paralelamente aos fenômenos de disfluências, às escansões retóricas e às unidades informacionais de comentários múltiplos, tópico e introdutor locutivo. Nessa perspectiva, os gestos são entendidos como ações deliberadas que servem à expressividade (Kendon, 2004; McNeill; Duncan, 2000). Estudos baseados em *corpora* e fundamentados na *Language into Act Theory* (Cresti, 2000; Moneglia; Raso, 2014; Cavalcante, 2020), principal arcabouço teórico que fundamenta esta pesquisa, mostraram que as zonas de fronteira das unidades gestuais tendem a coincidir com as fronteiras prosódicas da fala (Cantalini, 2018; Cantalini; Moneglia, 2020; Barros, 2021, Bicalho, 2023). Essa pesquisa foi desenvolvida com base em um *corpus* de fala espontânea, o C-ORAL-BGEST (Mello *et al.*, 2024), etiquetado informacionalmente de acordo com a *Language into Act Theory* e gestualmente de acordo com as diretrizes de McNeill (1992), Kendon (2004) e Bressemer, Ladewig e Müller (2013). A partir da análise dos textos, observou-se que os fenômenos de disfluências tendem a ocorrer não apenas em âmbito prosódico, mas, também, se fazem notar em âmbito gestual. As escansões retóricas têm suas ênfases prosódicas coincidentes com os pontos de maior energia da produção gestual. Nos comentários múltiplos, a forte ligação existente entre eles e o tipo de relação estabelecida prosódica e semanticamente parecem ter se revelado também na esfera gestual. Nos tópicos, há coincidência entre presença de foco prosódico e presença de *stroke*. Os introdutores locutivos mais longos podem coincidir com maior número de fases gestuais.

Palavras-chave: Gestos. Fala espontânea. Disfluências. Unidades informacionais.

ABSTRACT

The aim of this study, focused on the analysis of spontaneous speech, was to examine the gestures produced alongside phenomena such as disfluencies, rhetorical scansion, and the informational units of multiple comments, topics, and locative introducers. In this context, gestures are understood as deliberate actions that serve expressiveness (Kendon, 2004; McNeill; Duncan, 2000). Studies based on corpora and grounded in the Language into Act Theory (Cresti, 2000; Moneglia; Raso, 2014; Cavalcante, 2020), the main theoretical framework underpinning this research, have shown that the boundary zones of gestural units tend to coincide with the prosodic boundaries of speech (Cantalini, 2018; Cantalini; Moneglia, 2020; Barros, 2021; Bicalho, 2023). This research was developed using a spontaneous speech corpus, C-ORAL-BGEST (Mello et al., 2024), informationally annotated according to the Language into Act Theory and gesturally annotated following the guidelines of McNeill (1992), Kendon (2004), and Bresse, Ladewig, and Müller (2013). From the analysis of the texts, it was observed that disfluency phenomena tend to occur not only in the prosodic domain but also in the gestural domain. Rhetorical scansion has their prosodic emphases coinciding with the points of greatest energy in gestural production. In multiple comments, the strong connection between them and the type of relationship established prosodically and semantically also appears to manifest in the gestural sphere. In topics, there is a coincidence between the presence of prosodic focus and the presence of strokes. Longer locative introducers may coincide with a greater number of gestural phases.

Keywords: Gestures. Spontaneous speech. Disfluencies. Informational units.

LISTA DE FIGURAS

























Figura 1 – Gesticulação	31
Figura 2 – <i>Continuum</i> 1: relação com a fala.....	32
Figura 3 – <i>Continuum</i> 2: relação com as propriedades linguísticas.....	33
Figura 4 – <i>Continuum</i> 3: relação com o grau de convencionalização	33
Figura 5 – <i>Continuum</i> 4: caráter semiótico	34
Figura 6 – Fases gestuais.....	39
Figura 7 – Alinhamento texto-áudio-vídeo.....	44
Figura 8 – Posição de repouso 1.....	45
Figura 9 – Posição de repouso 2.....	45
Figura 10 – GUnit	46
Figura 11 – Orientação	47
Figura 12 – Movimento	47
Figura 13 – Posição	48
Figura 14 – Forma de mão	48
Figura 15 – Away center, arced, extreme periphery, flat hand	49
Figura 16 – Atravessando a Amazonas.....	52
Figura 17 – Voltei para a minha cidade.....	52
Figura 18 – A gata	53
Figura 19 – Pífia.....	54
Figura 20 – Tirá-lo de lá	55
Figura 21 – Como se fosse a pr [ʔ]	55
Figura 22 – A continuação da Selênio.....	56
Figura 23 – Sabe?	57
Figura 24 – O melhor avião possível	57
Figura 25 – Tanto.....	58
Figura 26 – Mudança.....	59
Figura 27 – Gesto fluente	60
Figura 28 – Escansão retórica	60
Figura 29 – Subida e decida	63
Figura 30 – Trajetória inversa.....	64
Figura 31 – Ida e volta.....	65

Figura 32 – Mudança de mão	66
Figura 33 – Ausência/presença de gesto.....	66
Figura 34 – Gesto ritmado	67
Figura 35 – Gesto circular.....	68
Figura 36 – Gesto metafórico e emblemático	69
Figura 37 – Posição estática	70
Figura 38 – Dêixis.....	71
Figura 39 – Stroke.....	73
Figura 40 – INT curto.....	76
Figura 41 – INT longo	76

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Tipos de CMM e tipos de gesto	71
Tabela 2 – Gestos e introdutores locutivos	74
Tabela 3 – Tamanhos e gestos dos introdutores locutivos	75

LISTA DE EJEMPLOS



Exemplo 2-1 – bgest_001 	21
Exemplo 2-2 – bgest_002 	22
Exemplo 2-3 – bgest_002 	23
Exemplo 2-4 – bgest_002 	23
Exemplo 2-5 – bgest_010 	24
Exemplo 2-6 – bgest_004 	29
Exemplo 2-7 – bgest_006 	29
Exemplo 6-1 – bgest_012 	43
Exemplo 6-2 – bgest_005 	43
Exemplo 6-3 – bgest_012 	44
Exemplo 7-1 – bgest_001 	51
Exemplo 7-2 – bgest_004 	52
Exemplo 7-3 – bgest_006 	53
Exemplo 7-4 – bgest_009 	54
Exemplo 7-5 – bgest_010 	54
Exemplo 7-6 – bgest_001 	55
Exemplo 7-7 – bgest_006 	56
Exemplo 7-8 – bgest_005 	57
Exemplo 7-9 – bgest_008 	58
Exemplo 7-10 – bgest_009 	59
Exemplo 7-11 – bgest_006 	59
Exemplo 7-12 – bgest_006 	60
Exemplo 7-13 – bgest_001 	61
Exemplo 7-14 – bgest_002 	61
Exemplo 7-15 – bgest_001 	62
Exemplo 7-16 – bgest_002 	63
Exemplo 7-17 – bgest_007 	64
Exemplo 7-18 – bgest_007 	65

Exemplo 7-19 – bgest_002 	66
Exemplo 7-20 – bgest_003 	67
Exemplo 7-21 – bgest_004 	68
Exemplo 7-22 – bgest_009 	68
Exemplo 7-23 – bgest_012 	70
Exemplo 7-24 – bgest_010 	70
Exemplo 7-25 – bgest_001 	72
Exemplo 7-26 – bgest_003 	76
Exemplo 7-27 – bgest_007 	76

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ALL	Alocutivo
APC	Apêndice de Comentário
APT	Apêndice de Tópico
AUX	Auxílio dialógico
BGEST	<i>Brazilian Gesture Corpus</i>
CAAE	Certificado de Apresentação para Apreciação Ética
CMM	Comentários Múltiplos
CNT	Conativo
COB	Comentários Ligados
COEP	Comitê de Ética em Pesquisa
COM	Comentário
COM_r	Comentário Reportado
DCT	Conector Discursivo
EMP	Unidade vazia (empty)
EXP	Expressivo
f_0	Frequência fundamental
INP	Incipitário
INT	Introdutor Locutivo
i-TAG	Unidade informacional interrompida
LEEL	Laboratório de Estudos Empíricos e Experimentais da Linguagem
PAR	Parentético
PB	Português brasileiro
SCA	Unidade de Escansão
TMT	Tomada de Tempo
TOP	Tópico
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais

LISTA DE SÍMBOLOS

(*)	início de turno
(ABC)	identificação do informante
(//)	quebra prosódica terminal;
(/)	quebra prosódica não-terminal;
(+)	enunciado interrompido
(<>)	sobreposição de fala
([/n])	<i>retracting</i>
(&)	início de palavra interrompida
(&he)	hesitação ou pausa preenchida
(hhh)	comportamento paralinguístico
(xxx)	palavra ininteligível
(yyyy)	trecho de áudio ininteligível
	arquivo de vídeo
	arquivo de áudio

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	18
1.1	OBJETIVOS GERAIS E ESPECÍFICOS.....	19
1.2	ORGANIZAÇÃO DO TEXTO	19
2	LANGUAGE INTO ACT THEORY (L-ACT).....	21
2.1	UNIDADES INFORMACIONAIS	22
2.1.1	Unidades informacionais textuais	22
2.1.2	Unidades informacionais dialógicas	26
2.2	OS LIMITES DO ISOMORFISMO	28
3	TIPOS DE GESTOS.....	31
3.1	OS QUATRO <i>CONTINUA</i>	31
3.2	<i>CONTINUUM</i> 1: RELAÇÃO COM A FALA	32
3.3	<i>CONTINUUM</i> 2: RELAÇÃO COM AS PROPRIEDADES LINGUÍSTICAS.....	33
3.4	<i>CONTINUUM</i> 3: RELAÇÃO COM O GRAU DE CONVENCIONALIZAÇÃO	33
3.5	CONTINUUM 4: CARÁTER SEMIÓTICO.....	34
3.6	CONSIDERAÇÕES IMPORTANTES	35
3.7	TIPOS DE GESTICULAÇÃO	35
3.7.1	Gestos icônicos	35
3.7.2	Gestos metafóricos.....	36
3.7.3	Gestos dêiticos	36
3.7.4	Gestos ritmados.....	36
3.8	FUNÇÕES DOS GESTOS	37
4	THE GROWTH POINT: FALA E GESTO SOB UMA PERSPECTIVA COGNITIVA	38
5	SUBDIVISÕES GESTUAIS.....	39
6	METODOLOGIA.....	41
6.1	TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	41
6.2	GRAVAÇÕES	41
6.3	TRATAMENTO DE DADOS.....	42
6.3.1	Transcrição.....	42
6.3.2	Segmentação prosódica.....	43
6.3.3	Alinhamento texto-áudio-vídeo	44
6.3.4	Segmentação e etiquetagem gestual.....	44
6.3.5	Etiquetagem informacional.....	49
6.3.6	Análise de dados	49
7	RESULTADOS E ANÁLISES	51

7.1	AS DISFLUÊNCIAS E ESCANSÕES.....	51
7.1.1	As disfluências.....	51
7.1.2	As escansões retóricas.....	60
7.2	OS COMENTÁRIOS MÚLTIPLOS	61
7.2.1	Gestos de complementaridade	62
7.2.2	Gestos de repetição	67
7.2.3	Ausência de marcas gestuais características	68
7.2.4	Comentários gerais.....	71
7.3	OS TÓPICOS.....	72
7.4	OS INTRODUTORES LOCUTIVOS	73
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS	78
	APÊNDICE A.....	89
	APÊNDICE B.....	90
	APÊNDICE C	95

1 INTRODUÇÃO

Com esta pesquisa, buscou-se analisar a relação entre fenômenos observados na fala espontânea, mensurados sobretudo a partir de parâmetros prosódicos e de funções pragmáticas, e os gestos que, em nossas interações face a face, produzimos paralelamente à fala. Trata-se de um estudo exploratório, e, portanto, qualitativo, que procurou abarcar diferentes tipos de disfluências e de fenômenos retóricos, bem como as unidades informacionais reconhecidas pela *Language into Act Theory* (cf. capítulo 2), principal arcabouço teórico que fundamenta este estudo.

Os gestos, na perspectiva aqui considerada, devem ser entendidos como ações deliberadas que servem à expressividade, ou seja, ações que são percebidas pelo interlocutor como voltadas à *expressão* – e não a algum fim ou objetivo puramente prático¹. Ademais, neste contexto, os gestos são *idiosincráticos* (McNeill; Duncan, 2000), uma vez que são produzidos pontualmente pelo falante à medida que ele se expressa. Em outras palavras, à exceção de poucos gestos considerados convencionais em certas culturas, os gestos que se produzem em paralelo à fala não têm um padrão pré-estabelecido ou convencionalizado entre os falantes.

Dado o seu escopo de expressividade, os gestos que realizamos ao nos engajarmos em uma interação trivial podem ser concebidos como partes integrantes de um enunciado²; como tais, desdobram-se de maneira coerente com aquilo que se exprime na fala, isto é, o componente *falado* daquele mesmo enunciado (Kendon, 2004). Fala e gestos correlacionam-se de maneira tão intrínseca que se pode considerar que, embora sejam elementos semioticamente distintos, integram-se em uma única unidade de pensamento (cf. capítulo 4) (McNeill, 1992; 2024).

Ainda de acordo com McNeill (2024), aos gestos não se relega o papel meramente acessório de ilustrar ou de enriquecer a fala. Nessa perspectiva, gestos são entendidos como partes essenciais da comunicação, cuja função na construção do significado é comparável à função de outros elementos de natureza linguística.

No tocante à relação entre os gestos e a prosódia, aspecto da fala que interessa de maneira particular a este projeto, nota-se, desde os estudos primordiais de Kendon (1972), uma tendência à sincronia entre unidades gestuais e unidades prosódicas (Kendon, 1972; McNeill, 1992, 2005; Kita *et al.*, 1998). Estudos posteriores baseados em corpora e alicerçados na

¹ Dessa forma, a ação que realizamos ao pegar um garfo e conduzi-lo à boca durante uma refeição encontra-se fora do escopo deste estudo; todavia, a ação de simular esse exato acontecimento com o fim de, por exemplo, relatá-lo a alguém – e, portanto, com a finalidade de *expressão* – será aqui considerada um *gesto*.

² Na definição adotada por Kendon (2004), um *enunciado* consiste em qualquer conjunto de ações no qual se pode reconhecer o esforço de se fornecer algum tipo de informação ao interlocutor.

Language into Act Theory (Cresti, 2000; Moneglia; Raso, 2014; Cavalcante, 2020) mostraram, entre outros aspectos, que as zonas limítrofes das unidades gestuais tendem, de fato, a coincidir com as fronteiras prosódicas da fala (Cantalini, 2018; Cantalini; Moneglia, 2020; Barros, 2021).

A respeito das rupturas prosódicas e disfluências, Seyfeddinipur (2006) observou que os gestos são sensíveis às disfluências da fala. Mayberry & Jacques (2000), em um estudo voltado à gagueira, notaram que as interrupções no fluxo da fala repercutiram nos padrões gestuais concomitantes, que, por sua vez, só eram restabelecidos quando a fala era retomada de maneira fluente.

1.1 OBJETIVOS GERAIS E ESPECÍFICOS

Este estudo teve por finalidade investigar os gestos realizados em concomitância à fala espontânea, sobretudo no que diz respeito às unidades informacionais e aos diversos tipos de disfluência. Os objetivos específicos foram:

- a) realizar, em parceria com um grupo treinado composto de estudantes e professores, gravações multimodais, de modo a incrementar o corpus C-ORAL-BGEST³ – CAAE 70949023.2.0000.5149;
- b) analisar, nos textos multimodais supramencionados e naqueles que já compõem o corpus BGEST, os gestos e suas relações com unidades informacionais reconhecidas pela L-AcT;
- c) analisar, nos textos multimodais supramencionados e naqueles que já compõem o corpus BGEST, os gestos e suas relações com as disfluências.

1.2 ORGANIZAÇÃO DO TEXTO

No capítulo 2, apresenta-se a *Language into Act Theory* e os principais pressupostos teóricos que fundamentaram o estudo da fala espontânea realizado neste trabalho. Nos capítulos 3, 4 e 5, apresenta-se um panorama geral do estudo dos gestos, tanto de aspectos práticos, como cognitivos, com base, sobretudo, nas teorias de Kendon e McNeill.

O capítulo 6 dedica-se à apresentação da metodologia adotada na compilação do C-ORAL-BGEST, *corpus* multimodal no qual se baseou esta pesquisa, bem como da metodologia utilizada para a análise dos dados. No capítulo 7 e suas subseções, são apresentados os

³ *Corpus* multimodal de fala espontânea que se insere no grande projeto C-ORAL-BRASIL (Raso; Mello, 2012).

resultados e as análises realizadas, que dizem respeito aos fenômenos de disfluência, às escansões retóricas, aos comentários múltiplos, aos tópicos e aos introdutores locutivos. Por fim, no capítulo 8, são trazidas as considerações finais acerca dos fenômenos estudados.

2 LANGUAGE INTO ACT THEORY (L-ACT)

A *Language into Act Theory* (L-AcT)⁴ (Cresti, 2000; Moneglia; Raso, 2014; Cavalcante, 2020), principal arcabouço teórico que fundamenta este trabalho, é uma teoria *corpus driven* de cunho pragmático (Raso, 2012), voltada ao estudo da estrutura informacional da fala espontânea. As análises realizadas no âmbito da L-AcT baseiam-se na análise informacional, a partir de padrões com núcleo ilocucionário.

Sob a perspectiva da L-AcT, as funções informacionais são veiculadas por unidades prosódicas e seus perfis. Um padrão prosódico-informacional apresenta, pelo menos, uma unidade prosódica: a que veicula a força ilocucionária, que será o núcleo desse padrão. Além dela, unidades prosódicas não ilocucionárias também podem estar presentes na composição de um padrão, sejam elas de cunho textual – isto é, que compõem o texto semântico do padrão – ou dialógico, que se destinam a regular a interação dialógica. No interior de um padrão, as unidades prosódicas são separadas por fronteiras prosódicas não terminais.

Ademais, os padrões prosódico-informacionais podem constituir unidades terminadas – isto é, delimitadas por uma fronteira prosódica terminal – ou podem se unir a outros padrões prosódico-informacionais através de um sinal prosódico de continuidade. No exemplo 2.1, extraído do texto *bgest_001*⁵, observa-se uma unidade que se compõe de apenas *um* padrão prosódico-informacional. Note-se que, neste exemplo, há apenas uma unidade nuclear que veicula a força ilocucionária (COM):

Exemplo 2-1 – *bgest_001* 🗣️

*JUL: &he /=TMT= aí minha mãe conheceu meu pai lá // =COM=


No exemplo 2.2, por outro lado, tem-se uma unidade composta de dois padrões justapostos. Neste excerto e nas demais situações em que há mais de um padrão justaposto, as unidades que veiculam a força ilocucionária são designadas por COB e COM. Em COB

!!

⁴ Em alguns trabalhos em língua portuguesa, pode também ser encontrada a sua forma traduzida: Teoria da Língua em Ato (TLA).

⁵ Para ilustrar muitos dos conceitos aqui trabalhados, serão inseridos, ao longo desta dissertação, exemplos extraídos do corpus multimodal C-ORAL-BGEST, descrito no capítulo 6. Cada texto que compõe o corpus recebe o nome de *bgest_XXX*, sendo que *b* indica o idioma (português brasileiro); *XXX* é o número que o identifica em relação aos demais textos de mesma natureza. Três letras maiúsculas (por exemplo, ABC) indicam o falante, e um novo turno é indicado pelo asterisco (*). As quebras prosódicas terminais são sinalizadas com barras duplas (//), e as quebras prosódicas não terminais são marcadas com uma única barra (/). Entre sinais de igual, encontra-se indicada a unidade informacional.

(“comentário ligado”), nota-se um sinal prosódico de continuidade, que sinaliza que, a essa unidade, une-se outro padrão prosódico-informacional; em COM, por sua vez, percebe-se a terminalidade da unidade.

Exemplo 2-2 – bgest_002 

*GUI: também /=SCA= tem outra coisa /=COB= além de você se identificar meio que falando da sua linhagem /=TOP= você /=SCA= também identifica /=TOP= se os seus eram boas pessoas //COM=

Por fim, as unidades prosódicas, no âmbito da L-AcT, são classificadas informacionalmente com base em três critérios: função, posição e forma prosódica. O conceito de forma prosódica considera a curva de frequência fundamental (f_0), a duração, a intensidade e o alinhamento com a estrutura silábica. Nas subseções deste capítulo, serão elucidadas as diferentes unidades informacionais reconhecidas pela teoria

2.1 UNIDADES INFORMACIONAIS

Além das unidades que veiculam a força ilocucionária – isto é, as unidades de comentário (COB, COM ou CMM) –, há outras unidades informacionais que eventualmente compõem os padrões. Tais unidades podem ser textuais ou dialógicas e são classificadas informacionalmente conforme os três já mencionados critérios: função pragmática, forma prosódica e posição dentro do padrão (Cresti, 2000; Moneglia; Raso, 2014).

2.1.1 *Unidades informacionais textuais*

As unidades informacionais textuais integram o conteúdo semântico do enunciado e se classificam como: comentário (COM), comentário ligado (COB), comentários múltiplos (CMM), tópico (TOP), apêndice de comentário (APC), apêndice de tópico (APT), parentético (PAR) e introdutor locutivo (INT).

2.1.1.1 Unidades ilocucionárias


A unidade de comentário, única indispensável para a configuração de um padrão prosódico-informacional, tem a função de veicular a força ilocucionária. Para tanto, o comentário possui uma proeminência prosódica – chamada de *núcleo* –, que recai sobre algumas poucas sílabas da unidade e contém os parâmetros prosódicos indicativos do tipo de ilocução realizada. Tem-se, portanto, que a forma da unidade de comentário é variável e depende da ilocução por ela veiculada; além disso, o comentário possui livre distribuição no padrão e serve de referência para o posicionamento das demais unidades informacionais.

2.1.1.1.1 Os comentários múltiplos


Os comentários múltiplos (CMM) são unidades de comentário que, em virtude de terem padrões prosódicos fortemente convencionalizados entre si, são interpretadas de maneira holística, embora contenham mais de um foco ilocucionário. Isso significa que o uso combinado de certas formas prosódicas é tão comum que tais formas passaram, em conjunto e holisticamente, por um processo de gramaticalização prosódica.

Nas análises qualitativas realizadas com base na L-AcT, foram identificados, a princípio, 13 tipos de comentários múltiplos, a saber: reforço, persuasão, aproximação ou correção, alternativa ou diretiva dupla, comparação, relação necessária, lista, clímax (Cresti, 2000), adversativa, pedido de confirmação, chamamento, falsa lista, e duplo foco (Arruda, 2012). Essa, todavia, não é uma lista fechada, permitindo-se que novos tipos de CMM sejam posteriormente identificados e a ela incorporados.

Os exemplos 2.3 e 2.4, ambos extraídos do texto *bgest_002*, ilustram comentários múltiplos de relação necessária. De acordo com Cresti (2000), os CMM de relação necessária são aqueles que veiculam, notadamente através de parâmetros prosódicos convencionalizados, relações de tipo lógico, como as relações de temporalidade e as estruturas hipotéticas.

Exemplo 2-3 – *bgest_002* 

*GUI: me diga com quem andas /=CMM= dir-te-ei as manhas que tens //=CMM=

Exemplo 2-4 – *bgest_002* 

*GUI: porque tipo ela com certeza é ruim /=CMM= porque o pai é ruim //=CMM=

O exemplo 2.5, extraído do texto bgest_010, ilustra comentários múltiplos do tipo ilocução de reforço. Tais CMM realizam, holisticamente, um objetivo retórico convencional que resulta da composição de suas forças. Dessa forma, a segunda parte da cadeia binária expressa em no exemplo abaixo (*tirar ele de lá*) reforça a concordância já expressa pela primeira parte da cadeia (*é*).

Exemplo 2-5 – bgest_010 🗣️

*CLA: / é /=CMM= tirar ele de lá //CMM=

2.1.1.2 Tópico

A unidade de tópico (TOP) tem a função de fornecer o domínio cognitivo de aplicação da força ilocucionária veiculada pelo comentário. Assim como o comentário, o tópico também carrega um foco funcional, ou seja, um núcleo prosódico que marca o valor funcional da unidade (Cresti, 2011; Raso *et al.*, 2017). De acordo com Raso *et al.* (2017) e Cavalcante *et al.* (2023), essa unidade pode assumir três formas prosódicas diferentes, dependendo da localização de seu foco funcional; duas delas com o núcleo prosódico nas sílabas finais e uma com dois semi-núcleos descontínuos.

O tópico de primeiro tipo tem contorno de $f\theta$ ascendente-descendente, alinhado com a última sílaba tônica da unidade (e com as sílabas pós-tônicas, se presentes). O tópico de segundo tipo, por sua vez, exhibe contorno de $f\theta$ ascendente, alinhado com a última sílaba tônica (e com as pós-tônicas, se presentes). O de terceiro tipo, por fim, apresenta dois semi-núcleos, frequentemente descontínuos, sendo que o primeiro semi-núcleo possui valores de $f\theta$ altos ou extra-altos e o segundo, valores de $f\theta$ mais baixos, acompanhados pelo alongamento da sílaba (Raso *et al.*, 2017).

Em relação à posição, o tópico encontra-se sempre à esquerda da unidade de comentário que veicula a força ilocucionária para a qual ele fornece o domínio de aplicação. É possível que haja outras unidades informacionais intercaladas entre TOP e COM.

2.1.1.3 Apêndice de comentário

O apêndice de comentário (APC) tem a função de integrar textualmente o conteúdo do comentário ao qual se associa, acrescentando-lhe material de cunho sintático e semântico que traz informações já fornecidas naquela interação ou facilmente acessíveis contextualmente. Quanto à forma, o apêndice de comentário pode apresentar contorno de *f0* nivelado ou descendente. No tocante à distribuição, o apêndice localiza-se à direita do comentário. Por fim, ressalta-se que, dada a natureza semântico-sintática de seu material, a omissão do APC não constitui óbice para que o ato ilocucionário se perfaça.

2.1.1.4 *Apêndice de tópico*

O apêndice de tópico (APT), de modo semelhante ao APC, integra textualmente o conteúdo do tópico ao qual se associa. Quanto à forma, o APT pode apresentar contorno de *f0* nivelado ou descendente, mas pode também reproduzir o movimento de *f0* observado no tópico – contudo, em escala reduzida e sem foco funcional. Distributivamente, localiza-se à direita da unidade de tópico.

2.1.1.5 *Parentético*

A unidade de parentético (PAR) frequentemente veicula inserções feitas pelo falante a fim de facilitar ou direcionar a interpretação do que está sendo dito. Essas inserções podem ser de natureza metanarrativa, modal ou metalinguística⁶ (Barros, 2021; Santos, 2020; Tucci, 2010). Nos parentéticos de natureza metanarrativa, o falante insere comentários e informações consideradas cruciais para a compreensão do que foi dito anteriormente. Nos parentéticos modais, o falante manifesta seu grau de comprometimento com o que foi dito. Nos parentéticos de natureza metalinguística, o falante apresenta uma reformulação de algo que foi dito, oferecendo, para tanto, alguma escolha lexical diferente.

Quanto à forma prosódica, o parentético exhibe, em comparação com as unidades adjacentes, uma mudança de *f0* – em geral, uma diminuição. Também apresenta uma redução na intensidade e pode ter uma taxa de articulação mais alta em relação ao seu entorno. Muitas vezes, há uma pausa antes e/ou depois do PAR.

Por fim, o parentético possui livre distribuição, salvo o início absoluto de um enunciado. O PAR pode, inclusive, interromper outras unidades textuais. Ademais, o PAR, principalmente

⁶ Em sentido lexical.

o longo, cria um nível discursivo diferente e pode apresentar uma sua estruturação informacional interna.

2.1.1.6 *Introdutor locutivo*

O introdutor locutivo (INT) tem a função de sinalizar a suspensão pragmática do *aqui* e do *agora* da enunciação, introduzindo o plano ilocutivo das metailocuições (Bicalho, 2023). Dessa maneira, aquilo que é introduzido por essa unidade deve ser interpretado pelo ouvinte como se pertencesse a outro plano, pragmaticamente destacado das coordenadas dêiticas da enunciação.

Em relação à forma prosódica, o INT tende a ter uma duração silábica média inferior à de seus contextos adjacentes (ou seja, as unidades que o precedem e que o sucedem). Além disso, essa unidade tende a apresentar uma taxa de articulação média maior que a de ambos os contextos (Toledo, 2024). Além disso, sua forma é descendente, a aceleração é progressiva e há contraste prosódico com a metailocução.

Distributivamente, o INT precede as unidades informacionais por ele introduzidas.

2.1.2 *Unidades informacionais dialógicas*

As unidades informacionais dialógicas são direcionadas ao interlocutor com o objetivo de regular a interação. Tais unidades se classificam como: incipitário (INP), conativo (CNT), alocutivo (ALL), expressivo (EXP) e evidenciador (EVD).

2.1.2.1 *Incipitário*

A unidade de incipitário (INP) tem a função de sinalizar o início de um novo padrão prosódico-informacional. Estudos baseados em corpora evidenciam que a forma dessa unidade pode variar conforme a presença ou ausência de uma atitude de contraste em relação ao que foi dito anteriormente (Raso; Rilliard; Mendes; Santos, 2022).

Prosodicamente, o INP exhibe um contorno de f_0 nivelado, alinhado com a vogal tônica da unidade. Sua intensidade é muito alta, superior à intensidade média da ilocução, e sua duração é muito curta. Quando a atitude de contraste está ausente, a f_0 é baixa; por outro lado, quando a atitude de contraste está presente, a f_0 é muito alta e supera a f_0 da ilocução. Nesse caso, a sua forma resente dos efeitos micromelódicos dos segmentos.

Por causa de sua função, o INP figura sempre no início de um padrão prosódico-informacional.

2.1.2.2 *Conativo*

A função do conativo (CNT) é sinalizar a solução ilocucionária do padrão prosódico/informacional. No tocante à forma prosódica, o CNT apresenta um movimento descendente de f_0 , alinhado com a vogal tônica da unidade; caso haja segmentos pré-tônicos, é possível que haja um movimento ligeiramente ascendente de natureza preparatória (Raso; Rilliard; Mendes; Santos, 2022). Em geral, o CNT apresenta uma alta taxa de variação de f_0 , tem curta duração e intensidade média.

O CNT tem livre distribuição no interior de um padrão prosódico-informacional. Todavia, é encontrado com maior frequência em posições iniciais ou finais.

2.1.2.3 *Alocutivo*

O alocutivo (ALL) tem a função de identificar o interlocutor e marcar a coesão social; por essa razão, seu conteúdo lexical sempre é preenchido por nomes e epítetos. A unidade se inicia com um contorno descendente de f_0 , que tende a se tornar nivelado nas sílabas pós-tônicas – as quais, em geral, são hipoarticuladas. É uma unidade curta, de intensidade muito baixa. Distributivamente, aparece sobretudo em posições finais e não pode ocupar o início absoluto de um padrão.

2.1.2.4 *Expressivo*

O expressivo (EXP) assinala uma surpresa, por parte do falante, em relação a algo dito ou saliente no contexto (Raso; Rilliard; Mendes; Santos, 2022). Como forma prosódica, exhibe um contorno ascendente de f_0 até a sílaba tônica e um movimento ligeiramente descendente no material pós-tônico. A intensidade é alta e a duração, longa. O EXP aparece apenas em posições iniciais.

2.1.2.5 *Evidenciador*

A função do evidenciador (EVD) é destacar o conteúdo semântico daquilo que foi dito anteriormente. Sua forma prosódica apresenta movimento ascendente de f_0 , com inclinação variável a depender de aspectos atitudinais. A intensidade é baixa e a duração, curta. O EVD comumente aparece no final do padrão prosódico-informacional, mas é possível também que ocupe posições mediais.

2.1.2.6 *Conector discursivo*


O conector discursivo (DCT) tem a função de marcar a continuidade entre duas unidades terminadas ou entre dois padrões entre os quais há uma fronteira não terminal. Frequentemente, os DCTs são preenchidos por conjunções ou palavras dessemantizadas que funcionam como conectores pragmáticos genéricos. Raramente, estão dentro de um padrão; isso acontece quando é necessário recuperar o planejamento perdido, principalmente depois de PAR. Além disso, os DCTs não têm um perfil prosódico característico. Por essa razão, discute-se se essa unidade deve ser considerada uma unidade informacional à parte ou é se apenas SCA.

2.2 OS LIMITES DO ISOMORFISMO

Entre uma unidade prosódica e uma unidade informacional, há, em geral, uma relação de isomorfismo, isto é, a *cada* unidade prosódica corresponde *uma* unidade informacional. Todavia, existem situações em que se rompe essa correspondência biunívoca, de modo que uma mesma unidade informacional se realize em duas ou mais unidades prosódicas. É importante ressaltar que a ruptura do isomorfismo entre unidade e função informacional ocorre apenas no sentido descrito – isto é, uma unidade informacional que se realiza em duas ou mais unidades prosódicas. Dessa maneira, não é possível que uma unidade prosódica veicule mais de uma unidade informacional.


As unidades de parentético, por exemplo, podem ocorrer no interior de unidades informacionais textuais. Nesses casos, a unidade é prosodicamente interrompida pelo parentético, sendo posteriormente retomada quando o PAR chega ao fim. Dissolve-se, dessa forma, a correspondência *um para um* entre unidade prosódica e unidade informacional. O trecho 2.6 exemplifica a interrupção, pelo parentético, de uma unidade informacional de

comentário ligado (COB) – que, nessa situação, realiza-se em duas unidades prosódicas. A unidade prosódica anterior à interrupção é etiquetada como i-COB (comentário interrompido).

Exemplo 2-6 – bgest_004 

*PEU: [2] eu entrei [/2]=EMP= eu /=SCA= entrava como dependência /=COB= do [1]=EMP= do meu pai /=APC= mas aí minha mãe /=TOP= ela [1]=EMP= &he /=TMT= isso é coisa boa /=PAR= ela foi promovida /=COB= e aí ela começou a [/2]=i-COB= nesse trabalho novo dela /=PAR= começou a ganhar mais /=COB= e ela começou a ganhar mais que meu pai também //COM=

A verdadeira ruptura do isomorfismo, porém, envolve as disfluências e escansões retóricas. Nesses casos, seja por hesitação do falante, ênfase, conteúdo semântico muito extenso ou por algum problema de produção, uma única unidade informacional se realiza em duas ou mais unidades prosódicas. Tais unidades são semântica e sintaticamente composicionais, e o perfil prosódico da unidade informacional veiculada por elas se manifesta na última unidade prosódica. No exemplo 2.7, observa-se uma unidade informacional de COM que se realiza em duas unidades prosódicas.

Exemplo 2-7 – bgest_006 

*ELI: [15] tipo é super tranquilo /=COB= era mais perto inclusive do que a /=SCA= a escola //COM=

As escansões, exceto quando realizadas pelo falante com objetivos retóricos, podem ser consideradas disfluências. Além das SCAs, a anotação informacional adotada no corpus que embasa este trabalho reconhece dois outros tipos de disfluências:

- I. as unidades utilizadas para tomada de tempo, etiquetadas como TMT (*time taking*); e
- II. as *unidades vazias* (EMP), que ocorrem quando unidades prosódicas são canceladas, seja em razão de alguma retratação realizada pelo falante (*retracting*) ou da interrupção do enunciado da qual fazem parte.

Os *retractings* podem ser etiquetados como SCA ou EMP (*empty*). São etiquetados como SCA caso haja aproveitamento lexical de parte da unidade prosódica retratada pelo

falante⁷, e são etiquetados como EMP caso não haja aproveitamento lexical unidade prosódica retratada.

⁷ Nesse caso, indica-se também o número de palavras retratadas.

3 TIPOS DE GESTOS

3.1 OS QUATRO *CONTINUA*

McNeill (1992; 2000a; 2005), alicerçando-se em estudos precedentes desenvolvidos por Kendon (1982), propõe a existência de quatro diferentes *continua* que buscam elucidar e delimitar a natureza de nosso objeto de estudo, isto é, o *gesto*. Tais *continua* baseiam-se em quatro diferentes parâmetros, quais sejam, a relação com a fala; a relação com as propriedades linguísticas; a relação com o grau de convencionalização; e o caráter semiótico. Aos pontos que se localizam ao longo desses *continua*, dão-se os nomes de: gesticulação, emblemas, pantomimas, e língua de sinais⁸. As gesticulações, como se verá adiante, constituem o cerne de nosso objeto de estudo:

a) *Gesticulação*: compreende os gestos espontâneos que realizamos, de maneira idiossincrática, em paralelo à fala. Como exemplo, McNeill (2005) traz o gesto em arco – cujas direção e forma são indicadas pela seta – ilustrado na figura 1.

Figura 1 – Gesticulação



Fonte: McNeill, 2005, p. 6.

Na situação retratada, o falante profere o enunciado "ele agarra uma grande árvore de carvalho e a dobra para trás". Simultaneamente, realiza o já mencionado gesto em arco, que, nesta circunstância, ilustra a ação de "dobrá-la para trás". Percebe-se, aqui, que o gesto de "dobrar para trás" só possui significado quando em conjunto com aquilo que foi efetivamente verbalizado.

b) *Emblemas*: dotados de altos níveis de convencionalidade e de sistematicidade, os emblemas são fortemente ligados à cultura. Por essa razão, são menos dependentes do contexto

⁸ No original, *gesticulation, pantomime, emblems, e sign language*.

imediatamente, se os compararmos à gesticulação. Entre os emblemas típicos, estão certos gestos usados para saudar, insultar ou zombar; para indicar lugares ou pessoas (dêiticos); para fazer referência a estados e características individuais; para dar ordens; e, por fim, para representar ações (como comer e beber). Os gestos emblemáticos são ostensivos e podem, por si só, exibir força ilocucionária. Dessa maneira, não são necessariamente acompanhados da fala (Payrató, 2024).

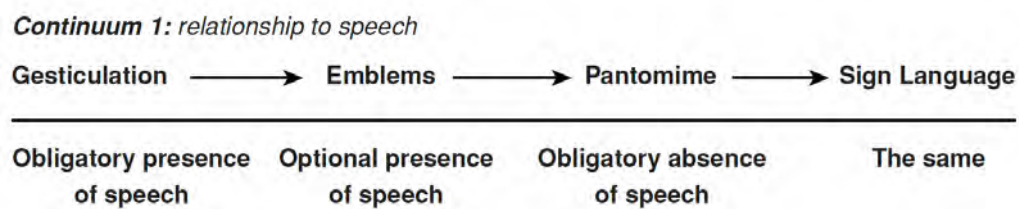
c) *Pantomimas*: são mimetizações não convencionalizadas realizadas apenas gestualmente, como aquelas que se veem nos jogos de mímicas. Por definição, as pantomimas, obrigatoriamente, não são acompanhadas pela fala.

d) *Língua de sinais*: os sinais são os elementos linguísticos convencionalizados que compõem as línguas de sinais (Cantalini, 2018). Quanto à possibilidade de produzi-los de maneira simultânea à fala, McNeill (2005) observa que fazê-lo pode ter um efeito disruptivo em ambas as esferas: pode prejudicar seja a performance dos sinais, seja a fluidez da fala.

3.2 CONTINUUM 1: RELAÇÃO COM A FALA

O primeiro *continuum* parte da relação entre a fala e cada um dos tipos gestuais descritos acima, isto é, baseia-se na possibilidade ou obrigatoriedade de o gesto ser ou não realizado de maneira simultânea à fala.

Figura 2 – Continuum 1: relação com a fala



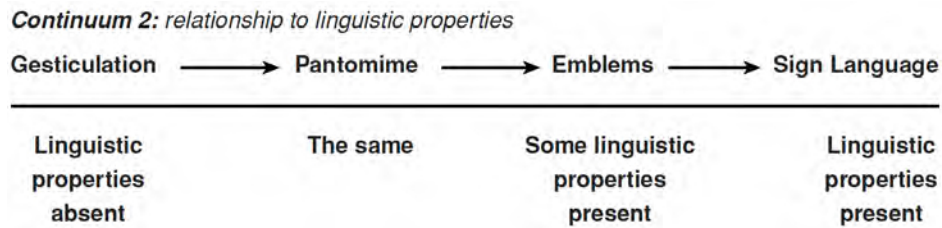
Fonte: McNeill, 2005, p. 7.

À extrema esquerda desse *continuum*, localiza-se a gesticulação, em que se observa a presença obrigatória da fala. Nos emblemas, que prescindem da fala para adquirirem significado, a presença da fala é opcional. Nas pantomimas e na língua de sinais, a ausência da fala é mandatória.

3.3 CONTINUUM 2: RELAÇÃO COM AS PROPRIEDADES LINGUÍSTICAS

O segundo *continuum* proposto considera a presença ou ausência de propriedades linguísticas.

Figura 3 – Continuum 2: relação com as propriedades linguísticas



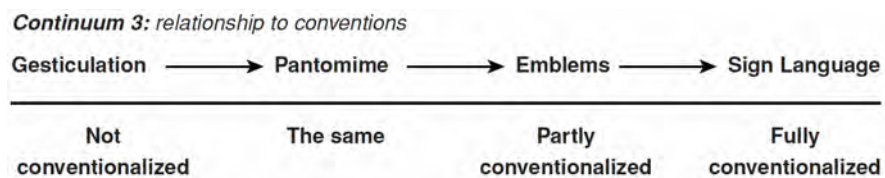
Fonte: McNeill, 2005, p. 7.

Mais uma vez, à extrema esquerda, localiza-se a gesticulação, em que estão ausentes quaisquer propriedades linguísticas, assim como nas pantomimas. Ambos os tipos de gestos não são convencionalizados e não possuem propriedades combinatórias que sugiram a presença de dupla articulação. Nos emblemas, estão presentes algumas propriedades linguísticas, dado o seu alto grau de convencionalização. À extrema direita, estão as línguas de sinais, verdadeiros sistemas linguísticos autônomos.

3.4 CONTINUUM 3: RELAÇÃO COM O GRAU DE CONVENCIONALIZAÇÃO

O terceiro *continuum* estrutura-se com base no grau de convencionalização dos quatro tipos de gestos.

Figura 4 – Continuum 3: relação com o grau de convencionalização



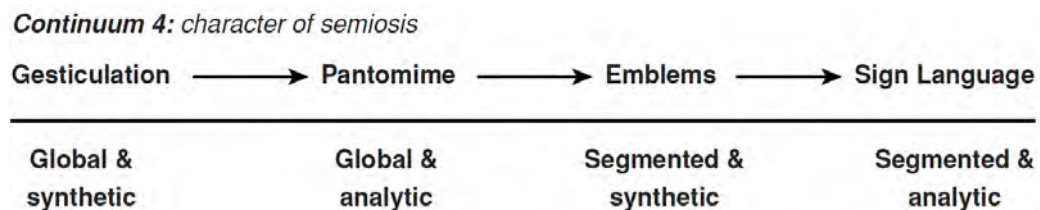
Fonte: McNeill, 2005, p. 10.

À esquerda, estão a gesticulação e as pantomimas, ambas não convencionalizadas. Os emblemas, por sua vez, são parcialmente convencionalizados, enquanto os sinais o são por completo.

3.5 CONTINUUM 4: CARÁTER SEMIÓTICO

O quarto *continuum*, por fim, considera o caráter semiótico de cada um dos tipos de gestos analisados.

Figura 5 – Continuum 4: caráter semiótico



Fonte: McNeill, 2005, p. 10.

Gesticulação e pantomimas, ambas à esquerda do *continuum*, são classificadas por McNeill como *globais*. Por global, entende-se que o significado das partes dos gestos é determinado pelo significado do todo – isto é, pelo significado *global* daquele gesto. Dessa forma, o significado das gesticulações e pantomimas não corresponde à soma do significado das partes menores desses gestos; pelo contrário, o significado dessas partes menores – ou seja, o movimento de mão, a direção desse movimento, as partes da mão envolvidas no gesto etc. – é que depende fortemente do significado do todo.

Ao contrário, emblemas e língua de sinais são *segmentados* (ou *composicionais*): o significado global de tais gestos é determinado por suas partes. Para ilustrar essa situação, McNeill evoca o emblema de “OK” britânico, no qual o contato preciso entre indicador e polegar é essencial para o assentamento do significado desse gesto. Não havendo o contato, o significado do todo restará prejudicado.

A diferença entre gesticulação e pantomimas e entre emblemas e língua de sinais, de acordo com o quarto *continuum*, reside na sinteticidade. Enquanto gesticulação e emblemas são *sintéticos*, pantomimas e língua de sinais são *analíticas*. Por sintético, entende-se que um único símbolo concentra diversos significados; por analítico, entende-se que, em geral, os significados tendem a se estender por mais de um símbolo.

3.6 CONSIDERAÇÕES IMPORTANTES

McNeill chega a uma conclusão interessante ao submeter à análise os quatro *continua* por ele elaborados: quando a modalidade gestual adotada não tem propriedades linguísticas, a modalidade vocal a ela associada terá propriedades linguísticas e, para além disso, tornar-se-á obrigatoriamente presente. Por outro lado, quando a modalidade gestual tem propriedades linguísticas, como é o caso das línguas de sinais, a fala se tornará desnecessária e, por vezes, danosa. Para o autor, isso evidencia que fala e gesto são intimamente relacionados e se sustentam reciprocamente.

Sendo assim, a gesticulação, que constitui grande parcela dos tipos gestuais que acompanham a fala, é não convencionalizada, global e sintética, enquanto a fala, por sua vez, é convencionalizada, segmentada e analítica, e exibe propriedades linguísticas completas. Em contraste, as línguas de sinais são convencionalizadas, segmentadas e analíticas, além de possuírem propriedades linguísticas – e prescindem da fala. As conclusões extraídas por McNeill conduzirão à sua teoria atual a respeito da natureza cognitiva da relação entre fala e gesto, sobre a qual comentaremos brevemente na seção 4.

3.7 TIPOS DE GESTICULAÇÃO

Os gestos que se localizam à esquerda dos quatro *continua* se submetem a uma ulterior classificação, que os subdivide em quatro diferentes categorias: gestos icônicos, metafóricos, dêiticos e ritmados (McNeill; Levy, 1982; McNeill, 1992; McNeill, 2005).

3.7.1 Gestos icônicos

Os gestos icônicos são aqueles que buscam representar, iconicamente, entidades concretas ou ações. Nesses casos, a forma do gesto e a maneira de executá-lo corporificam aspectos do conteúdo semântico daquilo que se pretende representar. A exemplo, cita-se o gesto ilustrado na figura 1, em que a forma da mão (em garra), a trajetória gestual (em curva) e a direção do movimento (para trás) correspondem ao evento que se exprime na fala: "ele agarra uma grande árvore de carvalho e a dobra para trás" (McNeill, 2005).

3.7.2 *Gestos metafóricos*

Os gestos metafóricos representam conceitos abstratos, e podem fazê-lo a partir de diferentes parâmetros envolvidos na produção gestual: forma da mão, direção, espaço, tipo de movimento (ver seção 6.3.4). Um gesto metafórico pode usar, por exemplo, a forma da mão em garra ilustrada na figura 1 na para representar o conceito abstrato – e metafórico – de “agarrar” uma ideia ou memória. Pode-se criar, metaforicamente, uma divisão do espaço gestual entre esquerda e direita para representar, respectivamente, passado e futuro – ou quaisquer outras divisões abstratas que o falante deseje expressar. McNeill (2005) ressalta, aliás, que esse tipo de gesto não segue necessariamente estereótipos culturais

3.7.3 *Gestos dêiticos*

A dêixis destina-se a localizar, no espaço, entidades e ações, sempre em relação a um ponto de referência (*origo*). Os gestos dêiticos, portanto, envolvem a ação de apontar, que comumente é feita com os dedos, mas pode também envolver outras partes do corpo. Muitos dos gestos dêiticos que realizamos em nossas interações cotidianas não apontam para uma entidade concreta, mas o fazem para um conceito abstrato (McNeill, 2005), fenômeno a que Bühler (1982a, 1982b) deu nome de *deixis at phantasma*. A título de exemplo, cita-se o gesto que o falante metaforicamente realiza com o intuito de apontar para o momento presente, ou para cada uma das divisões espaciais metafóricas trazidas no exemplo em que esquerda e direita representam passado e futuro.

3.7.4 *Gestos ritmados*

Os gestos ritmados (ou “batidas”⁹) consistem em movimentos rápidos e ritmados, de uma ou de ambas as mãos, para cima e para baixo ou para frente e para trás. Tais gestos parecem acompanhar o ritmo da fala e, muitas vezes, têm a função de evidenciar palavras ou conceitos que os falantes considerem importantes (Cassell; McNeill, 1990; McNeill, 1992).

⁹ McNeill & Levy (1982) os chamaram de *beats*.

3.8 FUNÇÕES DOS GESTOS

Kendon (2004; 2017; 2024) individualiza quatro diferentes funções pragmáticas e metadiscursivas dos gestos que realizamos paralelamente à fala – também chamados de *co-speech gestures*, sejam eles emblemas ou gesticulações: função operacional, função performativa, função modal, e função de análise ou pontuação.

Alguns gestos podem exercer uma função operacional em relação àquilo que está sendo dito, de modo a gerenciar e ajustar a comunicação verbal. Como exemplo de gestos operadores, cita-se a negação feita com as mãos ou com a cabeça para sinalizar que se nega uma expressão verbal, bem como os gestos usados para enfatizar determinada informação que o falante considere importante. Kendon (2004) sugere que gestos com função operacional têm um papel crucial na construção e na gestão da comunicação, uma vez que não apenas acompanham a fala, mas também ajudam a definir e a ajustar o significado da mensagem transmitida.

Os gestos de função performativa performam atos de fala, evidenciando a força ilocucionária de um enunciado. Em certas culturas, determinados gestos podem sinalizar que aquilo que está sendo feito é uma pergunta, por exemplo. É o que ocorre com o *grappolo*, de falantes napolitanos (Kendon, 2004; 2024).

Os gestos com função modal indicam como o enunciado deve ser interpretado. Como exemplo, cita-se o gesto de “aspas”, frequentemente usado para sinalizar que uma parte da fala deve ser entendida como uma ironia, citação, metáfora ou de outra forma específica. Os gestos modais ajudam a moldar a interpretação do discurso, fornecendo pistas sobre a intenção comunicativa do falante.

A função de análise ou pontuação refere-se à capacidade dos gestos de organizar e estruturar a fala em componentes lógicos. Quando um falante faz uma lista, por exemplo, ele pode utilizar o mesmo gesto repetidamente para cada item, sinalizando que cada novo elemento pertence ao mesmo conjunto ou categoria que o anterior. Dessa forma, facilitam-se a organização e a compreensão da informação apresentada.

Além dessas quatro funções, Kendon (2024) apresenta a função relacional-interacional, que atua na regulação da interação entre os interlocutores e na troca de turnos. Como exemplo, citam-se gestos com o escopo de convidar alguém para se sentar, oferecer algo, pedir ou interromper turnos de fala.

4 THE GROWTH POINT: FALA E GESTO SOB UMA PERSPECTIVA COGNITIVA

Como visto no capítulo 3, os quatro *continua* propostos por McNeill (2005) sugerem a sustentação recíproca e interdependente entre gesto e fala. Essa conclusão culmina na ideia de que os gestos, muito mais do que meros adendos à fala – como historicamente se supunha –, são componentes essenciais e únicos na comunicação e na expressão do significado (McNeill, 2024).

Muitas vezes, o estudo dos gestos limitou-se a considerá-los elementos paralinguísticos, que, não obstante contribuíssem para clarificar ou ilustrar o significado do componente falado do enunciado, não necessariamente o integravam de maneira essencial (Ekman; Friesen, 1969). Outros estudiosos, como Kendon (2008), consideraram os gestos como parte de um espectro semiótico amplo e complexo, constituído por variados elementos cinésicos. Esse viés, segundo McNeill (2024), faz com que nos afastemos da singularidade e da importância dos gestos.

Em contraste com as teorias precedentes, McNeill propõe a ideia de *growth point*, ou ponto de crescimento. Definido como uma força geradora proveniente da energia social, interativa, acional e mental do falante, o *growth point* é a unidade básica de pensamento (Żywczyński; Zlatev, 2024) responsável por criar significados específicos para o contexto e momento da fala. O *growth point* será, em contexto, externalizado em uma unidade gesto-fala.

No modelo proposto por McNeill, gesto e fala são coexpressivos e integram um *inteiro*. Nessa perspectiva, a unidade gesto-fala é indissociável e, como tal, preserva as características essenciais do todo. Ademais, conquanto se unam na expressão de um significado, fala e gesto são semioticamente distintos: enquanto a fala veicula o conteúdo proposicional, os gestos transmitem o conteúdo imagético.

Analisando os quatro *continua* à luz do modelo do *growth point*, pode-se concluir que nem todos os gestos são passíveis de se inserirem na unidade gesto-fala da qual se ocupa McNeill. Gesticulações e emblemas são compatíveis com os *growth points*, enquanto pantomimas e sinais, que se opõem à fala, não o são.

5 SUBDIVISÕES GESTUAIS

Os gestos, assim como a fala, podem ser subdivididos em unidades, as chamadas unidades gestuais (GUnits). Uma GUnit se perfaz quando o falante retira as mãos de uma posição *default*, de repouso (*rest position*), executa uma série de gestos e, em seguida, retorna suas mãos àquela posição *default*. Em outras palavras, uma GUnit pode ser definida como o conjunto de gestos realizados pelo falante entre duas posições de repouso.

As GUnits, por sua vez, podem ser subdivididas em frases gestuais (GPhrases), unidades que são definidas pela presença de um núcleo gestual, o *centro* dessa unidade, chamado de *stroke*¹⁰. O *stroke* é uma das fases gestuais (GPhases) que constituem uma GPhrase, sendo a única mandatória. Aqui, pode-se fazer uma importante analogia com a análise da fala: assim como a *ilocução* é o núcleo de um padrão prosódico e informacional, o *stroke* é o núcleo de uma GPhrase. Outras GPhases podem ser combinadas com o *stroke* para formar a GPhrase, e podem ser classificadas de quatro maneiras diferentes, dependendo da função que desempenham (figura 1): preparação (*preparation*); retração (*retraction*); suspensão (*hold*) e posição de repouso (*rest position*) (Ladewig; Brassem, 2013).

Figura 6 – Fases gestuais

gesture phase	function within sequential embedding
preparation	<ul style="list-style-type: none"> – prepare the hands for the execution of the stroke – move the hands to a particular position in gesture space – assume a particular configuration with which the stroke begins
retraction	<ul style="list-style-type: none"> – transition from stroke to possible rest position
stroke	<ul style="list-style-type: none"> – forms the center of a gestural unit (“nucleus”, Kendon 2004)
hold	<ul style="list-style-type: none"> – neighbors stroke (either precedes or follows it) – may selectively stand alone
rest position	<ul style="list-style-type: none"> – belongs to the center of a gestural unit (“nucleus”, Kendon 2004) – default condition

Fonte: Ladewig & Brassem, 2013, p. 1.075.

Estudos realizados a partir de fala espontânea em língua italiana (Cantalini, 2018; Cantalini; Moneglia, 2020) apontaram para a existência de sincronia entre unidades prosódicas e unidades gestuais, bem como para a tendência de alinhamento entre os núcleos significativos de cada uma dessas unidades (i. e. foco ilocucionário e ataque). Ademais, notou-se que as frases gestuais jamais ultrapassam os limites de fronteiras prosódicas terminais.

¹⁰ Ou, em português, “ataque”.

Barros (2021), ao investigar os parentéticos em português brasileiro, também observou que os gestos tendem a se sincronizar com as proeminências prosódicas. Além disso, a passagem do nível ilocucionário ao nível do parentético pode ser marcada gestualmente através de estratégias de interrupção do padrão gestual – quais sejam, mudança do padrão gestual ou oposição entre gesto e (quase) repouso (Barros, 2021). Bicalho (2023) observou que a passagem do nível ilocucionário para o nível metailocucionário – especificamente no caso do discurso reportado – também é marcada por estratégias semelhantes.

6 METODOLOGIA

Neste trabalho, pretendeu-se analisar qualitativamente as unidades informacionais presentes nos textos que compõem o corpus multimodal C-ORAL-BGEST (Mello *et al.*, 2024). Com o escopo de enriquecer a base de dados na qual se debruçou esta pesquisa, foram realizadas, em parceria com os membros do Laboratório de Estudos Empíricos e Experimentais da Linguagem da Universidade Federal de Minas Gerais (LEEL/UFMG), novas gravações e tratamento de dados, que passarão a integrar o referido *corpus*.

6.1 TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Todos os indivíduos que participaram desta pesquisa assinaram, antes mesmo de serem gravados, um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE; apêndice B), no qual declaravam estar cientes de seus direitos; dos objetivos deste estudo; da maneira como os dados seriam coletados e armazenados; e dos eventuais riscos, desconfortos e benefícios envolvidos.

Todos os participantes cujas gravações embasaram este estudo concederam autorização para o uso de sua imagem anonimizada e de sua voz em publicações científicas.

6.2 GRAVAÇÕES

As gravações que compõem o C-ORAL-BGEST foram realizadas com os equipamentos de áudio e vídeo de que dispõe o LEEL/UFMG, quais sejam, microfones de lapela Sennheiser Evolution EW100 G3, conectados aos gravadores MARANTZ PMD660 ou TAS-CAM DR-100; e câmeras Panasonic HC-X900M e GoPro Hero 7 Whi. As gravações foram feitas com a presença de um pesquisador, membro do LEEL, em ambiente familiar ao participante ou no próprio laboratório.

O uso de pequenos microfones de lapela e de câmeras de pequenas¹¹ permite que os participantes se engajem na situação comunicativa, muitas vezes esquecendo-se de que estão sendo gravados ou distraíndo-se momentaneamente desse fato. Buscou-se, assim, conferir maior naturalidade ao experimento e tornar as gravações suficientemente similares às nossas interações cotidianas.

¹¹ Para tanto, a GoPro pareceu-nos mais eficaz.

Os participantes desta pesquisa conheciam o pesquisador responsável por gravá-los. Requereu-se a eles que contassem um evento ou episódio que lhes aprofundasse.

6.3 TRATAMENTO DE DADOS

De cada gravação realizada, foram selecionados aproximadamente 3 minutos de fala profícua por parte do participante. A escolha dos trechos a serem estudados baseou-se mormente na qualidade de áudio e vídeo, na predominância da fala do participante e na quantidade de gestos realizados – desprezaram-se trechos em que os gestos estivessem ausentes ou precários, bem como trechos em que houvesse excesso de fala do pesquisador ou de terceiros sem microfone.

Apenas esses excertos foram transcritos, segmentados e etiquetados, em conformidade com os critérios apresentados nesta seção.

6.3.1 *Transcrição*

A transcrição dos textos que compõem o C-ORAL-BGEST, realizada por uma equipe previamente treinada, segue os critérios ortográficos e não ortográficos estabelecidos para o C-ORAL-BRASIL¹² (Raso; Mello, 2012), considerando-se aspectos como lexicalização e gramaticalização no português brasileiro.

Em linhas gerais, as transcrições mantêm os padrões ortográficos, já que os textos transcritos devem ser legíveis, de modo a não obstaculizar seu imediato entendimento por parte do leitor. Todavia, alguns ajustes foram feitos para enriquecer a base de dados e torná-la mais fiel aos fenômenos inerentes ao português falado, refletindo formas não dicionarizadas relevantes para os níveis morfossintático e lexical. Os critérios não ortográficos empregados na transcrição visaram a capturar fenômenos que refletissem processos em andamento de lexicalização e gramaticalização, como a cliticização dos pronomes sujeito, a perda de morfologia verbal, a omissão do verbo "ser" em estruturas clivadas, a serialização verbal e a aférese (Mello; Raso, 2009).


Por outro lado, optou-se por não transcrever certos fenômenos que, não obstante sejam recorrentes, não estão sujeitos à gramaticalização ou à lexicalização, ou são tão generalizados que dispensam seu registro (Mello et al., 2012).

¹² C-ORAL-BRASIL: Disponível em: www.c-oral-brasil.org. Acesso em: nov. 2024.

6.3.2 Segmentação prosódica


Os textos que compõem os *corpora* foram, também, segmentados prosodicamente. A segmentação prosódica, de base perceptual, segue os parâmetros pragmático-prosódicos utilizados em outros corpora de referência, como o C-ORAL-BRASIL I (Raso; Mello, 2012) e o C-ORAL-ROM (Moneglia; Cresti, 1997).

Em linhas gerais, a segmentação prosódica se baseia na percepção de fronteiras conclusivas (marcadas por “//”) e não conclusivas (marcadas por “/”), como ilustra o exemplo 6.1.

Exemplo 6-1 – bgest_012 

*BRU: e foi muito louco / assim //

Além das fronteiras conclusivas e não conclusivas, registraram-se, também, os *retractings* e os enunciados interrompidos. Os *retractings* ocorrem quando palavras, interrompidas ou não, são canceladas pelos falantes, seja em razão de algum erro de produção, seja em razão de alguma mudança de planos. Tais fenômenos são registrados pelo uso de colchetes, no interior dos quais colocam-se uma barra simples, e pelo número “n” de palavras que o falante efetivamente cancela: “[/n]” (exemplo 6.2).

Exemplo 6-2 – bgest_005 

*ZUC: é [/1] é [/1] é /=CMM= fica bonitinho as coisas /=CMM= fica satisfatório
//=CMM=

Os enunciados interrompidos, por sua vez, consistem nos padrões prosódico-informacionais que não são concluídos pelo falante. Isso pode acontecer em virtude de alguma mudança de planos – quando o falante, por exemplo, opta por reformular por completo alguma construção e abandona aquele enunciado já iniciado – ou em virtude de alguma interrupção externa – por exemplo, quando outro falante toma o turno antes que o primeiro falante conclua seu enunciado. Os enunciados interrompidos são indicados por “+”, conforme exemplo 6.3.

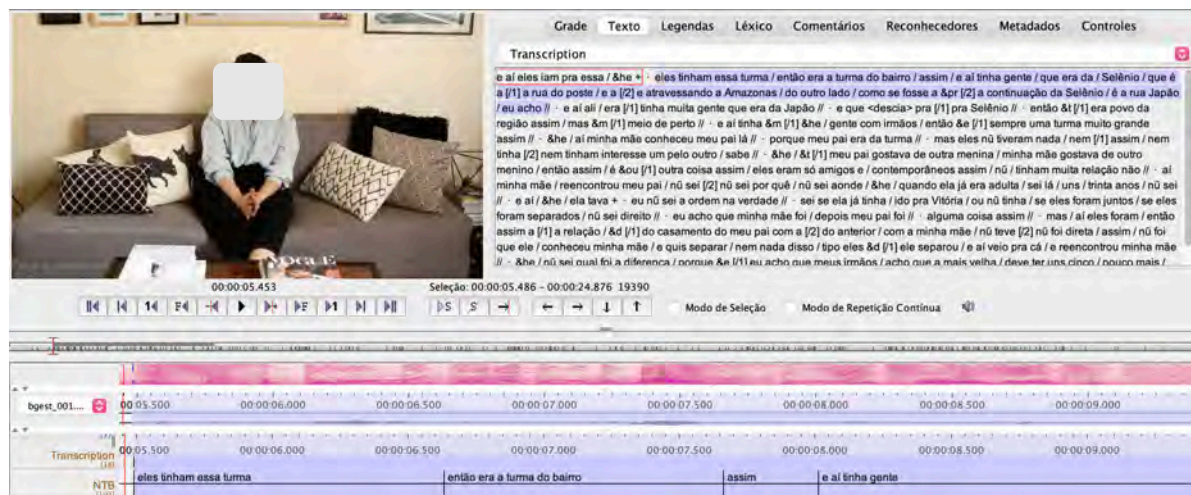
Exemplo 6-3 – bgest_012 🗣️

*BRU: aí eu +=EMP= e tinha uma van / lá / pra levar o povo que ia abandonar /

6.3.3 Alinhamento texto-áudio-vídeo

Os textos, já segmentados prosodicamente, são alinhados ao áudio e ao vídeo utilizando-se o software ELAN (Sloetjes; Wittenburg, 2008), conforme figura 7. Nesse *software*, procede-se à segmentação e à etiquetagem gestual, bem como à etiquetagem informacional.

Figura 7 – Alinhamento texto-áudio-vídeo



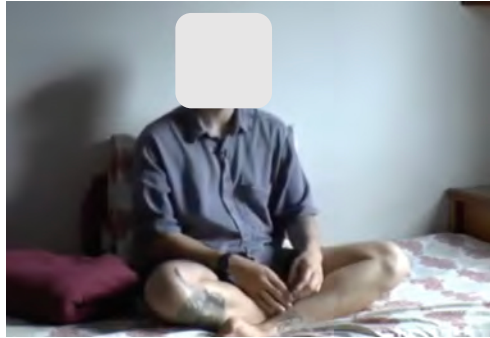
Fonte: bgest_001.

6.3.4 Segmentação e etiquetagem gestual

A segmentação gestual, em fases, frases e unidades gestuais, baseia-se em Ladewig & Bressemer (2013), de acordo com a seção 5. Nessa perspectiva, as unidades gestuais (GUnits) se definem como unidades que abarcam todos os gestos realizados entre duas posições de repouso – entre as quais pode haver apenas *uma* ou *inúmeras* frases gestuais (GPhrase). Cada frase gestual, como visto na seção 5, tem o *stroke* como unidade nuclear, e pode apresentar, também, as fases (GPhases) de: preparação (*preparation*); retração (*retraction*); e suspensão (*hold*).

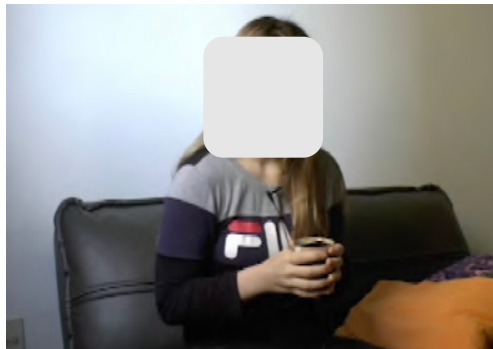
As figuras 8 e 9 trazem exemplos de duas diferentes posições de repouso extraídas do C-ORAL-BGEST.

Figura 8 – Posição de repouso 1



Fonte: bgest_004.

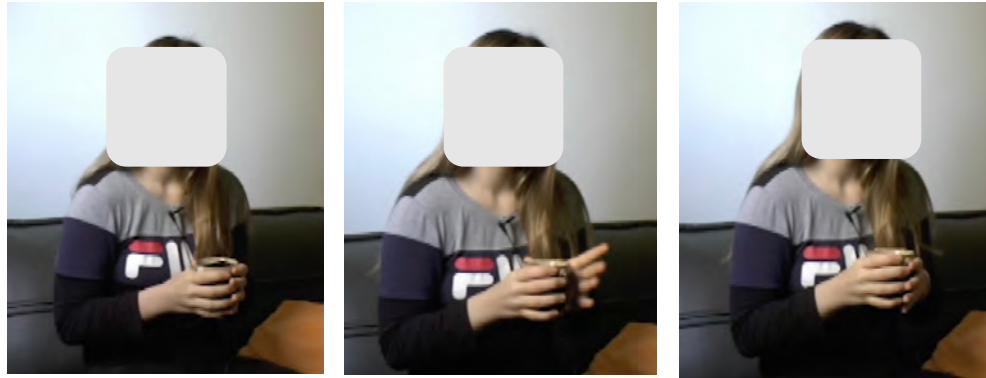
Figura 9 – Posição de repouso 2



Fonte: bgest_007.

Nos frames seguintes àquele representado na figura 9, a falante abandona a posição de repouso e realiza apenas uma frase gestual, composta pelas fases de preparação e *stroke*; logo após, retorna à posição de repouso. Essa incursão, que compõe uma pequena unidade gestual, é ilustrada na figura 10.

Figura 10 – GUnit



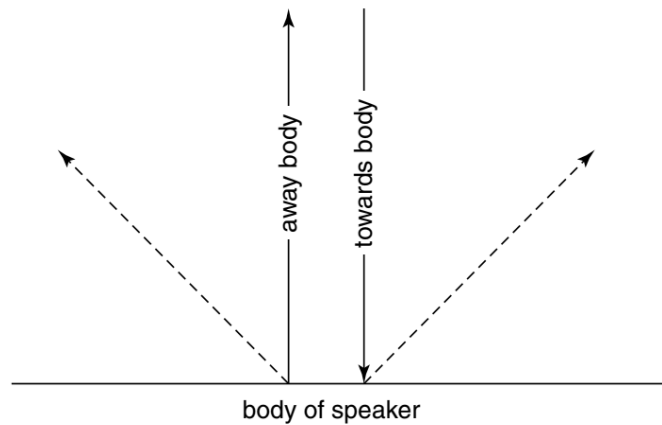
Fonte: bgest_007.

Os frames que se seguiram àquele representado na figura 8, por outro lado, se desdobram em uma unidade gestual mais longa, que, neste caso, compõe-se de oito frases gestuais (201-208).

No tocante à anotação gestual tem-se que, em cada *stroke*, isto é, em cada unidade nuclear das GPhrases, registram-se alguns parâmetros gestuais, que, conforme a escolha metodológica de Barros (2021), seguem uma adaptação das diretrizes de McNeill (1992), Kendon (2004) e Bressemer, Ladewig e Müller (2013).

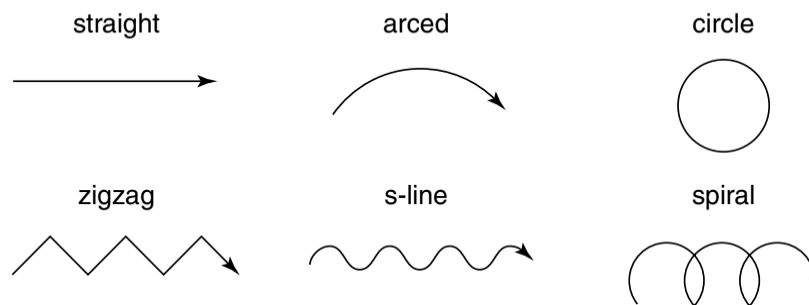
Os parâmetros dos quais se tomou nota na compilação do C-ORAL-BGEST foram: orientação (*orientation*); movimento (*movement*); posição (*position*); e forma de mão (*hand-shape*). Essa escolha levou em consideração o fato de que a posição espacial dos gestos foi o parâmetro analítico principal do trabalho da autora e o fato de que a anotação gestual deveria ser informativa, mas não excessiva (Barros, 2021).

O parâmetro de *orientação* observa a orientação da palma da mão em relação ao corpo do falante, partindo-se do eixo sagital, ou seja, do eixo perpendicular ao corpo. Tal parâmetro admite quatro diferentes classificações: (i) para o centro (*towards center*); (ii) para longe do centro (*away center*); (iii) para o corpo (*towards body*); e (iv) para longe do corpo (*away body*).

Figura 11 – Orientação

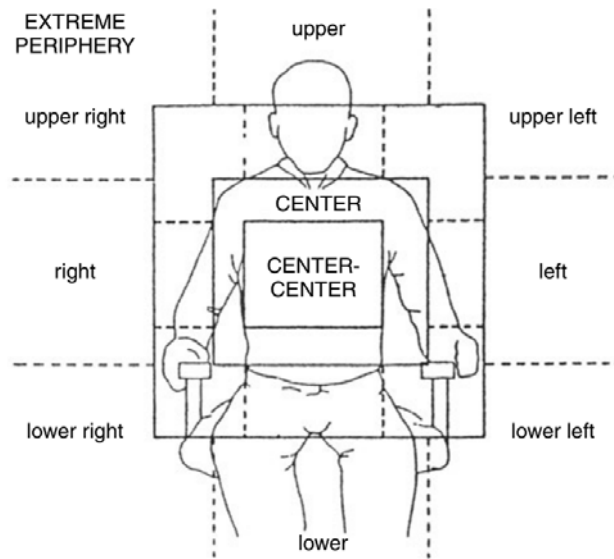
Fonte: Bressem (2013, p. 1.088).

O movimento realizado pelas mãos pode assumir diferentes formas, que são registradas sob o parâmetro *movimento*: (i) linha reta (*straight*); (ii) arqueado (*arced*); (iii) circular (*circle*); (iv) zigue-zague (*zigzag*); (v) em forma de “s” (*s-line*); e (vi) espiral (*spiral*), conforme figura 11.

Figura 12 – Movimento

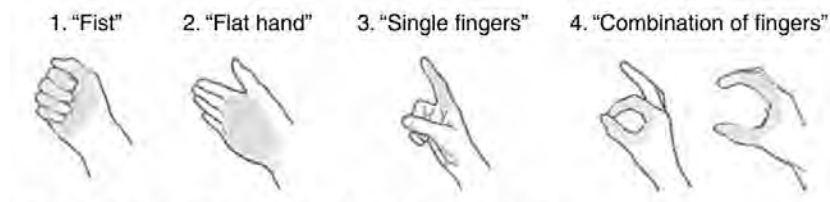
Fonte: Bressem (2013, p. 1.088).

O parâmetro de *posição* considera o espaço gestual em que se produziu o stroke, considerando-se, como referência, o corpo do próprio falante. Embora McNeill tenha previsto uma classificação mais ampla das posições gestuais possíveis, Barros (2021) optou por anotá-las de maneira resumida: (i) centro-centro (*center-center*, quadrado 1); (ii) centro (*center*, quadrado 2); (iii) periferia (*periphery*, quadrado 3); e periferia extrema (*extreme periphery*, que engloba *upper*, *upper right*, *upper left*, *right*, *left*, *lower right*, *lower left*, *lower*).

Figura 13 – Posição

Fonte: McNeill (1992, p. 89).

Finalmente, o parâmetro de *forma de mão* considera a configuração que os dedos efetivamente assumiram para a realização do stroke: (i) punho (*fist*); (ii) mão espalmada (*flat hand*); (iii) dedo único (*single fingers*); (iv) combinação de dedos (*combination of fingers*).

Figura 14 – Forma de mão

Fonte: Bressem (2013, p. 1.085).

Nos frames que compõem a figura 14, observa-se um gesto cuja orientação é *para longe do centro* (*away center*); cujo movimento é *arqueado* (*arced*); cuja posição – no *stroke*, terceiro frame – é *periferia extrema* (*extreme periphery*); e cuja forma de mão é *mão espalmada* (*flat hand*). Nesse caso, como *BRU usou ambas as mãos para realizar o gesto indicado, todos os parâmetros foram anotados tanto para a mão esquerda, quanto para a mão direita.

Figura 15 – *Away center, arced, extreme periphery, flat hand*



Fonte: bgest_012.

6.3.5 *Etiquetagem informacional*

A etiquetagem informacional, também realizada no ELAN, seguiu os critérios adotados pela L-AcT e descritos no capítulo 2. Para realizá-la, foi de grande importância a ferramenta que possibilita a conexão direta entre os *softwares* ELAN e PRAAT (Boersma; Weenink, 2022), uma vez que, neste último, foram realizadas as análises acústicas mais finas.

6.3.6 *Análise de dados*

Nesta pesquisa, que teve objetivos exploratórios, a análise dos dados se deu de maneira qualitativa. A princípio, partindo-se da teoria de McNeill de que gesto e fala são indissociáveis, observaram-se os gestos realizados durante alguns fenômenos prosódico-informacionais: (a) as disfluências; (b) as escansões (SCA) retóricas; (c) os comentários múltiplos (CMM) de diferentes tipos; (d) os tópicos (TOP); e (e) os introdutores locutivos (INT). Registraram-se, assim, as convergências e divergências entre os gestos realizados concomitantemente a fenômenos prosódico-informacionais de mesma natureza.

No tocante às disfluências, fossem elas SCAs, *retractings* ou enunciados interrompidos, investigou-se se eventuais suspensões ou interrupções no fluxo da fala também se verificavam no plano gestual. Nas SCAs retóricas, questionou-se se os gestos se comportavam de maneira diversa ou semelhante aos gestos concomitantes às disfluências e, se não fosse esse o caso, observou-se a natureza desses gestos. Nos CMMs, investigou-se se havia, também no plano

gestual, a padronização que se observa no plano prosódico. Por fim, observaram-se os gestos realizados em concomitância às unidades de TOP e INT.

Figura 16 – Atravessando a Amazonas



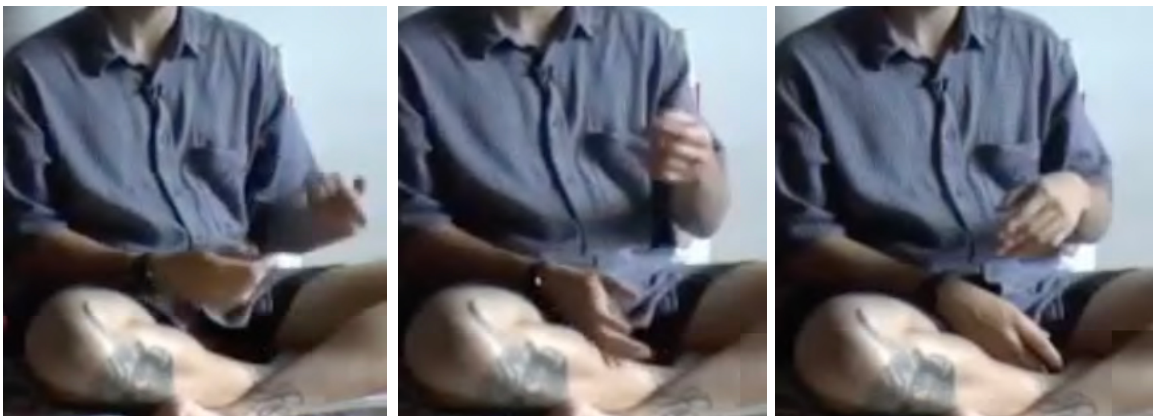
Fonte: bgest_001.

No exemplo 7.1, ilustrado na figura 16, *JUL ergue a mão até a posição mostrada na segunda imagem. Assim permanece, em suspensão, durante a pequena pausa que sucedeu a unidade vazia “e a [2]”. A falante só retoma o fluxo gestual, conduzindo sua mão até a posição retratada na terceira imagem, ao retomar, também, o fluxo fluente da fala, na unidade “e atravessando a Amazonas”.

Exemplo 7-2 – bgest_004 🎥

*PEU: aí eu voltei lá pra [1]=SCA= pra minha cidade /

Figura 17 – Voltei para a minha cidade



Fonte: bgest_004.

De maneira semelhante, no exemplo 7.2, ilustrado na figura 17, *PEU conduz sua mão até a posição retratada na segunda imagem. Permanece nessa posição, com o gesto suspenso, no pequeno alongamento que realiza no primeiro “pra”. O falante retoma o fluxo gestual apenas

quando retoma o fluxo da fala de maneira fluente, conduzindo sua mão, em “pra minha cidade”, até a posição ilustrada na terceira imagem.

Exemplo 7-3 – bgest_006 🎥

*ELI: que isso ia ajudá-lo +=EMP=

Figura 18 – A gata



Fonte: bgest_006.

No exemplo 7.3, ilustrado na figura 18, *ELI interrompe a si própria, em razão da chegada de uma gata à sala onde ocorre a gravação. Antes da interrupção, *ELI contava a *CAM a forma como conduzia suas aulas; em concomitância, gesticulava de maneira fluente. Ao ser interrompida, a falante suspende a produção gestual, mantendo sua mão parada na posição indicada na segunda imagem. É interessante notar que, enquanto ela faz alguns comentários a respeito da gata, o gesto ainda permanece suspenso.

Essas observações parecem evidenciar o que estabelece McNeill (2024) acerca da relação entre gesto e fala (cf. capítulo 4). Para o autor, gesto e fala funcionam como expressões complementares e formam uma única unidade integrada – que, por sua vez, se concretiza como *gesto* e como *fala*. Dessa maneira, gesto e fala preservariam as características fundamentais do conjunto. Portanto, nas situações aqui analisadas, como era de se esperar, as disfluências observadas no plano da fala foram, igualmente, observadas no plano dos gestos.

7.1.1.2 A repetição gestual

Das 85 unidades em que se observou algum correspondente gestual à disfluência que ocorre também na perspectiva prosódica, 23 (cerca de 27%) apresentaram a repetição gestual.

Enquanto o fluxo da fala se interrompia, se suspendia ou tornava-se truncado, o falante, nessas situações, repetia um mesmo gesto, isto é, realizava-o de maneira periódica, recursiva (como gestos ritmados, ou *beats*). Essa estratégia parece ter sido adotada especialmente naquelas situações em que o falante procurava a palavra mais adequada a ser dita naquele contexto específico.

Exemplo 7-4 – bgest_009 🎥

*FAB: nossa iniciação docência ela é muito /=SCA= pífia assim /

Figura 19 – Pífia



Fonte: bgest_009.

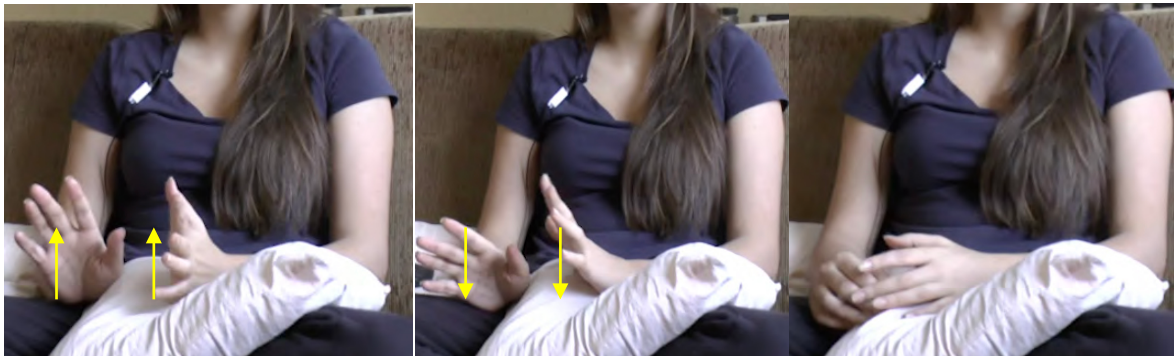
No exemplo 7.4, cujas imagens compõem a figura 19, *FAB gesticula de maneira fluida, até “muito”. Nesse ponto, ela parece se enveredar pela procura da palavra “pífia” e, enquanto o faz, fricciona os dedos uns contra os outros – como se buscasse pela palavra que mais minuciosamente expressasse aquilo que gostaria de dizer –, na posição indicada pela segunda imagem da figura 19. Após encontrar a palavra “pífia”, ela volta a gesticular de maneira semelhante à que fazia no momento anterior (terceira imagem).

Exemplo 7-5 – bgest_010 🎥

*CLA: aí os seguranças tiveram que +=EMP=

*CAM: intervir //

*CLA: é / tirar ele de lá //

Figura 20 – Tirá-lo de lá

Fonte: bgest_010

Em 7.5, conforme figura 20, *CLA movimenta suas mãos para cima e para baixo, nas posições indicadas na primeira e na segunda imagem, enquanto parece procurar pela maneira mais adequada de expressar o que os segurancas tiveram que fazer. *CAM, sua interlocutora, fornece-lhe uma possibilidade: “intervir”, ao que ela responde: “é”, e conclui, finalmente retomando o fluxo gestual de maneira fluente: “tirar ele de lá” (terceira imagem).

A respeito da procura pela palavra ou expressão mais adequada, Bavelas (2024) em um estudo realizado na década de 1980 a respeito dos gestos que tinham, claramente, escopo interacional, já havia notado estratégia semelhante. De acordo com a pesquisadora, neste estudo, houve situações em que o falante, ao realizar um movimento circular, direcionando uma mão ao interlocutor e a si próprio, parecia requisitar à outra pessoa que lhe fornecesse a palavra faltante.

Exemplo 7-6 – bgest_001 🎥

*JUL: como se fosse a pr [1/2]=SCA= a continuação da Selênio /

Figura 21 – Como se fosse a pr [1/2]

Fonte: bgest_001.

Lado outro, houve situações, como a do exemplo 7.6, em que o falante, após a disfluência, repete o gesto realizado por ele anteriormente. Nessa situação, *JUL realiza, em “como se fosse a pr [2]”, o gesto retratado na sequência da figura 21. Após a disfluência, ela o repete, como mostra a sequência da figura 22. Ao que parece, nessas situações, o falante gostaria de reforçar o gesto que, possivelmente, perdeu-se junto ao cancelamento de algumas palavras da unidade anterior, recomeçando-o.

Figura 22 – A continuação da Selênio



Fonte: bgest_001.

7.1.1.3 A interrupção gestual

Em quatro (cerca de 5%) das 85 unidades em que se notaram as estratégias gestuais mencionadas, houve a interrupção gestual. Essa situação foi observada nos casos em que o falante interrompeu a si próprio ou cancelou palavras, alterando o programa original daquilo que seria dito.

Exemplo 7-7 – bgest_006 🗣️

*ELI: sabe +=EMP=

*ELI: quando você veio pra cá / eles já tinham fechado ali tudo na praça da Savassi né

//

Figura 23 – Sabe?

Fonte: bgest_006.

No exemplo 7.7, *ELI gesticula em “sabe”, mas logo interrompe a si mesma, reformulando, em seguida, aquilo que pretende dizer. Ao interromper-se, ela interrompe também o gesto e retorna à posição de repouso. A figura 23 ilustra, nas duas primeiras imagens, a interrupção gestual ocorrida em “sabe” e o retorno à posição de repouso. Na terceira imagem, vê-se o gesto realizado pela falante ao reformular o que pretendia dizer.

Exemplo 7-8 – bgest_005 🎥

*ZUC: pra tentar tirar o melhor avião possível &d da +=EMP=

*ZUC: que roda umas otimizações lá /

Figura 24 – O melhor avião possível

Fonte: bgest_005.

Em situação semelhante, o exemplo 7.8 mostra um caso em que o falante se interrompe e muda a programação daquilo que seria dito. Na primeira imagem da figura 24, veem-se os gestos realizados antes da interrupção. Ao interromper a si mesmo, o falante conduz sua mão à posição neutra retratada na segunda imagem; após, reformulando, ele retoma a gestualização.

7.1.1.4 A ausência de gestos

Em quatro casos (cerca de 5%), todos eles de uma mesma falante, as unidades de disfluência em que ela demonstrava certa hesitação foram acompanhadas pela ausência de gestos. Nessas situações, a falante gesticulava de maneira fluente nas unidades que precediam e que sucediam aquelas em que havia a hesitação.

O exemplo 7.9 ilustra essa situação.

Exemplo 7-9 – bgest_008 🎥

*ALI: tive té algumas experiências como professora / tanto /=SCA= nos estágios / né / da própria faculdade /

Figura 25 – Tanto



Fonte: bgest_005.

Ao dizer “tive té algumas experiências como professora”, *ALI gesticula de maneira fluente (figura 25, primeira imagem). Na unidade de escansão, “tanto”, em que se nota um alongamento e uma hesitação por parte da falante, ela cessa de gesticular e retorna as mãos para a posição de repouso (figura 25, segunda imagem). Em seguida, a partir de “nos estágios”, *ALI volta a gesticular fluentemente (figura 25, terceira imagem). Como se vê nos frames ilustrados na figura 24, os gestos realizados por *ALI têm amplitude muito pequena, o que pode facilitar o retorno à posição de repouso.

7.1.1.5 A mudança de gestos

Em três casos (cerca de 3%), as disfluências que sinalizavam mudança de programação daquilo que estava sendo dito foram acompanhadas por alguma mudança no gesto. No caso

específico do exemplo 7.10, a mudança ocorreu na orientação da cabeça: a falante, ao desistir do que dizia e mudar de planos, vira também a cabeça para outra direção. Quando diz “e [1]”, a falante está olhando para o lado. Após a disfluência, volta a olhar para a frente (figura 26, primeira e segunda imagens, respectivamente).

Exemplo 7-10 – bgest_009 🎥

*FAB: e aí a mulher foi lá e falou olha / e [1]=EMP= a minha tutora /

Figura 26 – Mudança



Fonte: bgest_005.

7.1.1.6 Casos em que não houve alterações gestuais

Das 159 unidades com disfluências presentes nos textos analisados, em 74 delas (46%) não foram observadas alterações gestuais que pudessem indicar, também no plano gestual, a disfluência evidenciada prosodicamente. Para explicar a ocorrência de tais situações – sem perder de vista a ideia de McNeill (2024) de que fala e gesto são faces de uma mesma unidade de pensamento – hipotetiza-se que, na maioria desses casos, a disfluência consistia em mero erro de produção. Isto é, nessas situações, a unidade de pensamento não era ela própria truncada, suspensa ou interrompida; na verdade, ao se concretizar em fala, havia algum erro de produção – como o de pronúncia, por exemplo.

Isso é o que ocorre no exemplo 7.11.

Exemplo 7-11 – bgest_006 🎥

*ELI: de &m [2]=EMP= &m [2]=EMP= de muita gente //

Figura 27 – Gestos fluente

Fonte: bgest_006.

Nesse caso, a falante aparenta apenas tropeçar na produção da palavra “muita”; ela, na realidade, sabia o que queria dizer e, por essa razão, a disfluência não teve repercussões no plano gestual. A figura 27 mostra que, nesse excerto, a produção gestual manteve-se fluente.

7.1.2 *As escansões retóricas*

Diferentemente dos demais tipos de escansão, as escansões retóricas não constituem um tipo de disfluência: elas são assim realizadas para dar ênfase à ideia que se pretende comunicar. Nos textos analisados, foram encontradas três escansões retóricas. Em todas elas, realizadas pela mesma falante, foram realizados ritmados, com *strokes* correspondentes ao número de escansões, sendo que as ênfases de cada unidade de SCA coincidia com o *stroke* da frase gestual concomitante.

Exemplo 7-12 – bgest_006 🗿

*ELI: essa agência Status /=SCA= aonde a gente ia /=SCA= quando a gente era criança
/=TOP=

Figura 28 – Escansão retórica


Fonte: bgest_006.

No exemplo 7.12, as mãos da falante movimentam-se para cima e para baixo, coincidindo-se o *stroke* com a ênfase retórica, tanto nas unidades de SCA, quando no final da unidade principal escansionada (TOP), conforme sequência retratada na figura 28.

7.2 OS COMENTÁRIOS MÚLTIPLOS


A respeito dos comentários múltiplos (CMM), também já foram desenvolvidos estudos que buscaram caracterizá-los sob a perspectiva prosódica (Cresti, 2000; Arruda, 2012; Saccone; Panunzi, 2020). Em tais estudos, chegou-se a uma classificação preliminar, não exaustiva, de diferentes tipos de CMM, com base na relação semântica e ilocucionária existente entre as unidades que compõem a cadeia interpretável holisticamente (cf. seção 2.1).

Neste trabalho, buscou-se estudá-los sob a perspectiva gestual. Nos 13 textos analisados, dois deles pertencentes à mesma interação, há 17 CMM que não foram acompanhados por gestos, e há 23 grupos – pares ou trios – de CMM que foram realizados concomitantemente a algum tipo de gesto. No conjunto de dados estudado, há 21 duplas e 2 trios de CMM. Para estudar a relação existente entre os CMM que compõem as tríades, elas foram decompostas.

Exemplo 7-13 – bgest_001 

*JUL: nũ foi que ele /=SCA= **conheceu minha mãe** /=CMM= **e quis separar**
/=CMM= **nem nada disso** //CMM=

Na tríade 7.13, estudou-se a relação existente entre as duas primeiras unidades do CMM (“conheceu minha mãe” e “e quis separar”), e entre ambas e a terceira unidade (“nem nada disso”). Parece-nos que há uma relação entre “conheceu minha mãe” e “e quis separar” e que ambas as unidades, juntas, relacionam-se com “nem nada disso”.

Exemplo 7-14 – bgest_002 

*GUI: não /=CMM= nũ tô falando um nome específico não /=CMM= tô &f dando um exemplo /=CMM=

Na tríade 7.14, estudou-se a relação de reforço existente entre a primeira unidade do CMM (“não”) e as duas unidades seguintes (“nũ tô falando um nome específico não” e “tô &f

dando um exemplo”); e a relação existente entre a segunda e a terceira unidade (“nũ tô falando um nome específico não” e “tô &f dando um exemplo”). Nesse exemplo, aliás, nota-se uma hierarquização interna ao CMM, que, a despeito de poder ser intuída, é também perceptível prosodicamente. Essa hierarquização e sua relação com os gestos será retomada no exemplo 7.16.


Dessa maneira, pode-se dizer que há, no conjunto de dados, 23 grupos de CMM, e 25 relações do tipo CMM – considerando-se as relações internas aos trios.

Conforme as análises realizadas, há marcas gestuais que parecem evidenciar a forte relação entre as unidades de comentários múltiplos. Tais marcas se subdividem em dois grandes grupos, quais sejam, (i) aquelas que, de alguma forma, denotam complementaridade entre gestos diferentes (cf. seção 7.2.1); (ii) aquelas que denotam repetição do mesmo gesto (cf. seção 7.2.2). Em 18 (aproximadamente 72%), observaram-se gestos do primeiro tipo; em 4 (aproximadamente 16%), observaram-se gestos do segundo tipo. Em 3 grupos de CMM, por razões que serão aventadas em momento oportuno (cf. seção 7.2.3), não se observaram marcas gestuais sistemáticas que evidenciassem a relação entre as unidades.

7.2.1 Gestos de complementaridade

Os gestos de complementaridade, observados em 18 das relações entre comentários múltiplos analisadas, são caracterizados pela presença de gestos diferentes entre si em uma cadeia de CMM. Nessas situações, em concomitância a cada CMM que compõe a cadeia holística analisada, o falante realiza gestos em que se nota a variação de, pelo menos, um parâmetro gestual (cf. capítulo 6). Isso ocorre, por exemplo, quando o falante, entre um CMM e outro, muda a direção ou o sentido¹⁴ do gesto realizado ou troca a mão utilizada para gesticular. Além disso, foram observadas situações em que o falante gesticula em apenas uma das unidades que compõem o CMM, alternando-se presença e ausência de gesto.

O exemplo 7.15 ilustra uma situação em que se observou gestos complementares:

Exemplo 7-15 – bgest_001 

*JUL: e aí veio pra cá /=CMM= e reencontrou minha mãe //=CMM=

!!

¹⁴ Adota-se, aqui, a diferença entre direção e sentido adotada no estudo de grandezas vetoriais. A direção do gesto consiste no eixo no qual a mão se movimenta: horizontal, vertical, circular etc. Essa direção pode ser percorrida em dois sentidos diferentes. Dessa forma, quando o movimento é realizado em um eixo vertical, por exemplo, pode-se realizá-lo nos sentidos *para cima* ou *para baixo*.

Figura 29 – Subida e decida



Fonte: bgest_001.

Conforme a sequência da figura 29, na primeira unidade do CMM (“e aí veio pra cá”), a falante conduz sua mão direita, a partir da posição exposta na primeira imagem, até a posição exposta na segunda imagem. Na segunda unidade do CMM (“e reencontrou minha mãe”), a falante sobe, novamente, a mão direita (terceira imagem), até a posição ilustrada na quarta imagem.

Nessa situação, o parâmetro gestual alterado foi a *orientação*: em um eixo vertical, paralelo ao corpo da falante, a sua mão direita afasta-se do centro do corpo (*away center*, cf. capítulo 6), depois, aproxima-se do centro do corpo (*towards center*), conforme indicam as setas amarelas. A complementaridade, neste caso, portanto, ocorreu justamente no parâmetro de orientação gestual.

Na classificação de Cresti (2000), o exemplo 7.15 constitui um caso de CMM de relação necessária, cujos elementos estabelecem entre si uma relação lógica do tipo consecutiva (Saccone; Panunzi, 2020).

O exemplo 7.16 ilustra outra situação em que se observaram gestos complementares.

Exemplo 7-16 – bgest_002 🗿

*GUI: não /=CMM= nũ tô falando um nome específico não /=CMM= tô &f dando um exemplo /=CMM=

Figura 30 – Trajetória inversa



Fonte: bgest_002.

Nessa situação, em que o CMM é composto de três unidades, o falante não gesticula na primeira delas (“não”). Isso evidencia a já mencionada hierarquização interna ao CMM: a presença de gestos complementares é evidente entre as duas unidades cujo vínculo é mais forte. Assim, a figura 30 traz os gestos que ocorreram na segunda e na terceira unidade do CMM.

Na segunda unidade de CMM (“nũ tô falando um nome específico não”), o falante realiza, com a mão esquerda, gestos que cumprem a trajetória evidenciada pelas setas amarelas nas duas primeiras imagens da figura 30. Na terceira unidade do CMM (“tô &f dando um exemplo”), ele refaz, de maneira similar, toda essa trajetória, em sentido oposto, retornando à posição original, conforme indicam as setas amarelas da terceira e da quarta imagem da figura 30.

Em ambas as unidades de CMM, o gesto orienta-se primeiro para a região central do corpo (*towards center*) e, após, afasta-se do centro (*away center*). Todavia, o sentido desse percurso é contrário: na primeira unidade, o gesto se realiza em sentido horário; na segunda unidade de CMM, o gesto se realiza em sentido anti-horário.

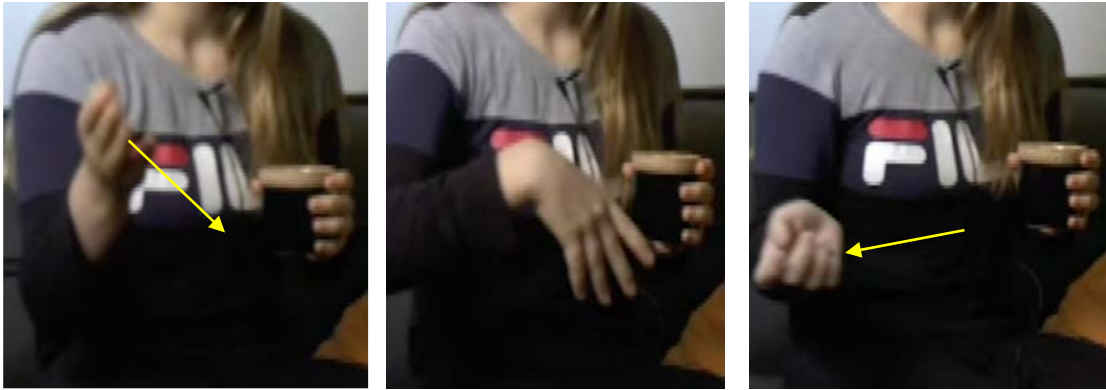
Na classificação de Cresti (2000), o exemplo 7.16 constitui um caso de CMM adversativo.

No exemplo 7.17, vê-se outra situação em que se observou a presença de trajetórias gestuais diferentes:

Exemplo 7-17 – bgest_007 🎥

*CAR: eu tava fazendo exercício / =CMM= e' tava do meu lado /=CMM=

Figura 31 – Ida e volta



Fonte: bgest_007.

Na primeira unidade do CMM (“eu tava fazendo exercício”), a falante conduz sua mão direita em direção ao centro do corpo (*towards center*) – como indica a seta amarela presente na primeira imagem da figura 31 –, até a posição exposta na segunda imagem. Na segunda unidade do CMM (“e’ tava do meu lado”), a falante, a partir da posição exposta na segunda imagem, conduz sua mão direita para longe do centro do corpo (*away center*), cumprindo a trajetória indicada pela seta amarela na terceira imagem.

Nessa situação, observou-se alternância de orientação dos gestos realizados em cada uma das unidades de CMM: na primeira unidade, a orientação do gesto foi em direção ao centro do corpo; na segunda, para longe dele.

Com base na classificação de Cresti (2000), esse CMM é ser classificado como de relação necessária que, neste caso, assume um caráter temporal de contemporaneidade (Saccone; Panunzi, 2020). Evidencia-se, assim, que ambas as circunstâncias mencionadas – o fato de a falante estar fazendo exercício e o fato de o rapaz estar do lado dela – são concomitantes.

O exemplo 7.18 ilustra uma situação em que mão direita e esquerda se alternam nas duas unidades que compõem o CMM:

Exemplo 7-18 – bgest_007 🗣️

*CAR: mais de um mês sem falar comigo /=CMM= aí encontrei com ele na academia
/=CMM=

Figura 32 – Mudança de mão



Fonte: bgest_007.

Na primeira unidade do CMM (“mais de um mês sem falar comigo”), a falante gesticula com a mão direita, conforme mostra a primeira imagem da figura 31. Na segunda unidade do CMM, a falante gesticula com a mão esquerda (segunda imagem figura 31).

Na classificação de Cresti (2000), esse CMM também seria classificado como de relação necessária de natureza temporal.

O exemplo 7.19 traz uma situação em que ocorre o binômio ausência-presença de gesto:

Exemplo 7-19 – bgest_002 📹

*GUI: paga o pato /=CMM= e continua reproduzindo /=CMM=

Figura 33 – Ausência/presença de gesto



Fonte: bgest_002.

No exemplo 7.21, observa-se situação semelhante, em que *PEU usa duas ilocuções do mesmo tipo para falar a respeito da passagem do tempo. É como se ele dissesse: “o tempo foi passando, chegou o carnaval”.

Exemplo 7-21 – bgest_004 🎥

*PEU: foi passando /=CMM= Carnaval /=CMM=

Figura 35 – Gesto circular



Fonte: bgest_004.

Nessa situação, o falante realiza gestos circulares – como indica a figura 35 – em toda a extensão da cadeia de dois comentários múltiplos, que também são do tipo reforço.

7.2.3 *Ausência de marcas gestuais características*

Em dois das cadeias de CMM analisadas, não foram observados gestos que indicassem a relação holística entre as unidades envolvidas. Nessas situações, houve, sim, a gestualidade; porém, os gestos realizados pelos falantes foram mais ligados ao conteúdo semântico daquilo que foi dito do que à estrutura informacional.

O primeiro caso é trazido no exemplo 7.22.

Exemplo 7-22 – bgest_009 🎥

*FAB: **eu posso fazer lá na China** /=CMM= se eu reproduzir meu método /=PAR= tá ligado /=PAR= dentro da cultura /=PAR= e adequando et cetera /=PAR= **e vai dar bom** /=CMM=

Figura 36 – Gesto metafórico e emblemático



Fonte: bgest_009.

Na primeira imagem da figura 36, ilustra-se o gesto realizado na primeira unidade de CMM (“eu posso fazer lá na China”). Esse gesto, de grande amplitude, parece representar, de maneira metafórica, a longa distância entre Brasil e China. Na segunda imagem, vê-se o gesto realizado na segunda unidade de CMM (“e vai dar bom”): são os “polegares para cima”, gesto emblemático que, em nossa cultura, significa algo positivo.

Nessa situação, não se observou, de maneira consistente, a complementaridade ou a repetição de parâmetros gestuais, que parecem ser características dos CMM – e que foram tão frequentes na amostra analisada. Todavia, neste caso, há algumas especificidades que, possivelmente, possam explicar a diferença dele com relação aos demais casos analisados.

Uma especificidade desse caso, que não foi observada nos outros CMM estudados, é que as unidades de CMM se encontram distantes; entre elas, intercalaram-se várias unidades de PAR. Pode-se hipotetizar que seja em virtude dessa distância entre ambas as unidades de CMM – e em razão de todos os outros gestos realizados em concomitância às unidades de PAR – que não tenhamos encontrado, nesta cadeia, gestos similares àqueles encontrados nos outros CMM estudados.

Ademais, outra especificidade desse exemplo é que os gestos realizados em ambas as unidades que compõem o CMM são fortemente ligados ao seu conteúdo semântico. O gesto metafórico da primeira unidade parece representar a distância entre Brasil e China; enquanto o gesto emblemático, da segunda unidade, representa a atitude positiva da falante e reforça o conteúdo de “vai dar bom”. Assim, ambos os gestos parecem ligar-se mais ao conteúdo semântico do enunciado do que à sua estrutura informacional.

O exemplo 7.23 ilustra situação semelhante.

Exemplo 7-23 – bgest_012 🎥

*BRU: então isso também é difícil /=CMM= porque cê tem que manter uma posição estática por muito tempo /=CMM=

Figura 37 – Posição estática



Fonte: bgest_012.

Nesse caso, o falante gesticulou fluentemente na primeira unidade de CMM (“então isso também é difícil”), como mostra a primeira imagem da figura 37. Na segunda unidade que compõe a cadeia de CMM (“porque cê tem que manter uma posição estática por muito tempo”), ele encenou a posição em que o corpo se encontra quando andamos de bicicleta.

Assim como no exemplo anterior, o gesto realizado pelo falante em uma das unidades que compõem o CMM liga-se mais ao conteúdo semântico do enunciado do que à sua estrutura informacional. A encenação feita por *BRU é um gesto icônico.

Por fim, o exemplo 7.24 também ilustra um CMM realizado em concomitância com um gesto ligado ao conteúdo semântico.

Exemplo 7-24 – bgest_010 🎥

*CLA: eu falo a gente nã mexe /=CMM= porque eu ainda não consegui desapegar //CMM=

Figura 38 – Dêixis

Fonte: bgest_010.

A primeira imagem da figura 38 traz o gesto realizado pela falante na primeira unidade da cadeia de CMM (“eu falo a gente nũ mexe”). Nesse caso, *CLA realiza um gesto dêitico, apontando para si própria para indicar a primeira pessoa do plural (no caso, “a gente”). A segunda imagem mostra o gesto por ela realizado na segunda unidade de CMM (“porque eu ainda não consegui desapegar”).

De maneira análoga aos outros exemplos apresentados nesta seção, o gesto dêitico presente na primeira unidade de CMM parece relacionar-se mais ao conteúdo semântico do enunciado do evidenciar a sua estrutura informacional.

7.2.4 *Comentários gerais*

A tabela a seguir apresenta os dados gerais relativos às 25 relações de CMM realizadas em concomitância à produção gestual.

Tabela 1 – Tipos de CMM e tipos de gesto

Tipo de CMM	Tipo de gesto			TOTAL
	Complementaridade	Repetição	Outro	
Relação necessária	12	0	3	15
Relação de reforço	4	4	0	8
Relação adversativa	2	0	0	2
TOTAL	19	4	3	25

Fonte: elaboração própria.

Na amostra analisada, foram predominantes os CMM do tipo relação necessária, assim como foram predominantes os gestos que evidenciaram algum tipo de complementaridade. Ademais, é interessante notar que, em grande parte das relações necessárias presentes na amostra analisada (80%), o tipo de gesto realizado em concomitância com esse tipo de CMM foi um gesto de complementaridade.


Por outro lado, observa-se, também, que o único tipo de CMM que, nesta pequena amostra, foi realizado em concomitância com gestos de repetição foi o CMM de reforço. Isso parece reiterar a própria natureza da relação de reforço, em que, conforme Saccone & Panunzi (2020), é composta por uma cadeia de CMM que pertencem a um mesmo tipo ilocutivo – portanto, que realizam um mesmo tipo de ilocução. Era de se esperar, assim, que os gestos realizados em ambos também fossem, de certa forma, homogêneos.

Esclarece-se que, para hipotetizar a existência de uma relação direta entre o tipo de gesto – se de complementaridade ou repetição – e o tipo de CMM realizado, seriam necessários dados gestuais sobre cada um dos tipos de comentários múltiplos elucidados na teoria. A princípio, porém, parece haver uma tendência de se efetuar, em concomitância ao CMM, um gesto que evidencie a relação holística entre a cadeia que o compõe, independentemente do tipo de CMM efetivamente realizado.

7.3 OS TÓPICOS

Também foram analisados os tópicos presentes nos textos que compõem o C-ORAL-BGEST. O aspecto mais relevante dessa análise consiste na concomitância entre tópicos e *strokes*. Nos 13 textos analisados, foram encontrados 49 tópicos, dos quais 37 foram realizados concomitantemente a algum tipo de gesto. Desses 37, 36 coincidiram com *strokes*, isto é, com núcleos das frases gestuais – nessas situações, eventualmente também estiveram presentes, durante os tópicos, outras fases gestuais (como *preparation*, *retraction* e *hold*). Apenas um dos tópicos realizados não coincidiu, em nenhum momento, com o *stroke*: nesse caso, houve coincidência com as fases de *preparation* e *retraction*.

O exemplo 7.25 ilustra uma situação em que a unidade de tópico coincidiu com um *stroke*.

Exemplo 7-25 – bgest_001 

*JUL: e aí ali /=TOP= era [/1] tinha muita gente que era da Japão //

Figura 39 – Stroke

Fonte: bgest_001.

Na situação ilustrada na figura 39, os parâmetros anotados durante o *stroke*, para a mão esquerda, foram: *position – extreme-periphery; orientation – away center; movement – straight; hand-shape – combination of fingers*. Nessa situação, a falante não gesticulou com a mão direita.

Uma das razões que se podem aventar para tão alta coincidência entre tópicos e *strokes* reside no fato de que, além dos comentários, os tópicos são as únicas unidades informacionais que apresentam um foco – no caso deles, funcional –, isto é, um núcleo prosódico. O *stroke*, sendo a fase-núcleo da frase gestual, a que carrega maior energia, tende a coincidir com as unidades informacionais que também carregam maior energia prosódica.

7.4 OS INTRODUTORES LOCUTIVOS

Por fim, analisaram-se os introdutores locutivos (INT) presentes no *corpus*. Como visto no capítulo 2 desta dissertação, o introdutor locutivo sinaliza a suspensão pragmática do *aqui* e do *agora* da enunciação, introduzindo o plano discursivo metailocucionário. Isso significa que, pragmaticamente, aquilo que é introduzido pelo INT deve ser interpretado, pelo ouvinte, como algo que se destaca das coordenadas dêiticas da enunciação.

Ao todo, no *corpus*, foram encontrados 51 introdutores locutivos. Em 31 (60,7%) deles, os falantes produziram gestos durante a própria unidade de INT ou nas unidades introduzidas por eles. Em 20 (39,3%) dos introdutores encontrados, por outro lado, os falantes não realizaram nenhuma produção gestual, seja durante o INT, seja nos contextos subjacentes.

A tabela 2 traz uma compilação dos dados encontrados no *corpus*.

Tabela 2 – Gestos e introdutores locutivos

Gesto associado	
Absolutamente ausente	20
Ausente Presente na unidade posterior	7
<i>Preparation</i>	7
<i>Stroke</i>	5
<i>Hold</i>	2
<i>Retraction</i>	4
<i>Preparation</i> <i>Stroke</i>	1
<i>Stroke</i> <i>Retraction</i>	2
<i>Retraction</i> <i>Preparation</i>	1
<i>Preparation</i> <i>Stroke</i> <i>Retraction</i>	1
<i>Preparation</i> <i>Stroke</i> <i>Preparation</i> <i>Stroke</i>	1
TOTAL	51

Fonte: elaboração própria.

Nessa tabela, os introdutores locutivos que não apresentaram gestos, seja durante o INT, seja nos contextos subjacentes, foram alocados na linha “absolutamente ausente”. Por sua vez, os introdutores que não foram acompanhados por gesto, mas que apresentaram algum contraste gestual com as unidades introduzidas por eles, foram alocados na linha “Ausente | Presente na unidade posterior”. Nessas situações, o falante não gesticula durante o INT, mas passa a gesticular no nível metailocucionário. Finalmente, os demais introdutores foram classificados conforme a(s) fase(s) gestual(is) realizada(s) concomitantemente a eles.

Conforme mostra a tabela 2, 20 INT apresentaram ausência absoluta de gestos. Entre os demais 31 introdutores, 7 acompanharam-se de ausência de gesto em contraste com a presença de gesto no nível metailocucionário subsequente; 7 apresentaram apenas a fase de *preparation*; 5, apenas a fase de *stroke*; 2, apenas a fase de *hold*; 4, apenas a fase de *retraction*. Entre os que apresentaram alguma combinação entre fases gestuais, 1 apresentou a combinação apenas entre *preparation* e *stroke*; 2, apenas entre *stroke* e *retraction*; 1, apenas entre *retraction* e

preparation; 1, apenas entre *preparation*, *retraction* e *stroke*; e 1 apenas entre *preparation*, *stroke*, *preparation*, *stroke*.

Partindo-se desses 31 introdutores, questionou-se se: i) haveria alguma relação entre o tamanho dos INT e a ausência ou presença de gestos; ii) haveria alguma relação entre o tamanho dos INT e a natureza das fases realizadas em concomitância a eles; ii) haveria alguma relação entre o tamanho dos INT e a quantidade de fases gestuais realizadas em concomitância a eles.

Para aferir o tamanho dos introdutores locutivos, foi contado o número de sílabas gráficas de cada um deles. A tabela 3 traz a relação entre o número de sílabas presentes nos INT analisados e os gestos associado a eles.

Tabela 3 – Tamanhos e gestos dos introdutores locutivos

Número de sílabas	Gesto associado											Total
	Ausente Presente na unidade posterior	<i>Preparation</i>	<i>Stroke</i>	<i>Hold</i>	<i>Retraction</i>	<i>Preparation Stroke</i>	<i>Stroke Retraction</i>	<i>Retraction Preparation</i>	<i>Preparation Retracting Stroke</i>	<i>Preparation Stroke</i>	<i>Preparation Stroke</i>	
1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1
2	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1
3	1	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	3
4	1	1	2	2	1	0	1	1	0	0	0	9
5	0	3	1	0	0	0	0	0	0	0	0	4
6	3	1	0	0	2	0	0	0	0	0	0	6
7	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
8	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1
9	2	0	0	0	1	0	0	1	0	1	1	4
13	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1

Fonte: elaboração própria.

Analisando-se os dados coletados, conforme tabela 2, parece-nos não haver relação direta entre o tamanho do INT e a ausência ou presença de gestos, bem como entre o tamanho e a natureza das fases gestuais realizadas. Entretanto, parece-nos haver uma tendência de os INT mais curtos, de até cinco sílabas, apresentarem apenas uma fase gestual associada ou, no máximo, uma combinação entre duas delas. Por outro lado, os únicos INT que apresentaram uma combinação de três ou quatro fases gestuais foram aqueles relativamente mais longos, de 9 ou 13 sílabas gráficas.

Os exemplos 7.23 e 7.24 trazem, respectivamente, um introdutor locutivo curto, de duas sílabas, e um introdutor locutivo longo (comparativamente aos dados analisados), de nove sílabas gráficas.

Exemplo 7-26 – bgest_003 🎥

*GUG: tipo /=INT= porque não é uma coisa direta assim /=COB= &va [/1]=EMP= escreva assim //COM=

Figura 40 – INT curto



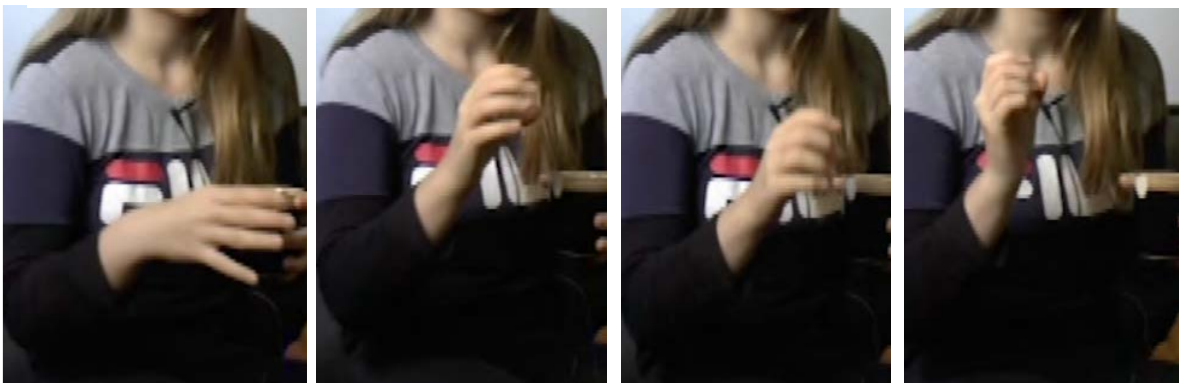
Fonte: bgest_003.

Na situação ilustrada pela figura 40, o falante realiza apenas a fase gestual de *stroke* durante o INT (“tipo”).

Exemplo 7-27 – bgest_007 🎥

*CAR: aí ele falou bem assim /=INT= vou responder uns stories pra [/1]=SCA= pra tentar consertar //COM_r

Figura 41 – INT longo



Fonte: bgest_007.

Nessa situação, para introduzir o nível metailocucionário em que se localiza o discurso reportado, a falante faz uso de um introdutor locutivo longo, comparativamente aos dados analisados (“aí ele falou bem assim”). Gestualmente, em paralelo, ela realiza quatro diferentes fases gestuais: *preparation, stroke, preparation, stroke*.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho se propôs a estudar, qualitativamente, a relação entre gesto e fala espontânea, em diferentes fenômenos e unidades informacionais reconhecidas pela L-Act, quais sejam, os fenômenos de disfluência, as escansões retóricas, os comentários múltiplos (CMM), os tópicos (TOP) e os introdutores locutivos (INT). Para efetuar as análises, partimos dos 13 textos que, atualmente, compõem o *corpus* C-ORAL-BGEST, sendo que dois desses textos pertencem à mesma interação¹⁶.

Em relação às disfluências, observou-se, em cerca de metade delas, fenômenos gestuais que parecem espelhar o que acontece em âmbito prosódico – em outras palavras, a disfluência parece não ter sido apenas prosódica, mas, também, gestual. Nessas situações, foram observadas: a suspensão ou a interrupção do gesto; a repetição gestual; a ausência de gestos, ou a mudança deles. O fenômeno mais frequente foi a suspensão gestual. No tocante às escansões retóricas, feita a ressalva de que o conjunto de dados nos quais se baseou a análise foi pequeno e pertencente à mesma falante, observou-se a coincidência entre *strokes* e a ênfase prosódica dada em cada uma das escansões realizadas.

Acerca dos comentários múltiplos, notaram-se marcas gestuais que parecem evidenciar a relação entre as unidades que os compõem. Foram dois os tipos de marcas gestuais encontradas: aquelas em que há alguma forma de complementaridade gestual – isto é, alguma mudança de parâmetros –, e aquelas em que há a repetição gestual. A maioria dos CMM que apresentam complementaridade de parâmetros gestuais são do tipo relação necessária, enquanto os únicos CMM que apresentam repetição gestual são do tipo reforço. Portanto, a princípio, pode-se hipotetizar a existência de um liame entre as marcas gestuais usadas pelos falantes nas duplas ou tríades de CMM e o tipo de CMM por eles realizados.

Sobre os tópicos, as únicas unidades prosódico-informacionais, além das unidades de comentário, que possuem um núcleo prosódico, observou-se a alta prevalência de *strokes*. Sendo o núcleo da frase gestual, o *stroke* é a fase gestual que carrega maior energia e, assim, parece haver uma tendência a que ela coincida com as unidades prosódico-informacionais que também carregam maior energia: aquelas que possuem focos prosódicos.

¹⁶ bgest_011_1 e bgest_011_2

Por fim, acerca dos introdutores locutivos, analisou-se a relação entre o tamanho dessa unidade e os gestos realizados concomitantemente a ela. Os INT mais longos, relativamente ao conjunto de dados analisados, foram os únicos que apresentaram combinações entre três ou entre quatro fases gestuais. Por outro lado, não foi encontrada relação entre o tamanho do INT e a ausência ou presença de gestos, assim como entre o tamanho da unidade e a natureza das fases gestuais realizadas.

Os resultados desta pesquisa, cotejados com as características prosódico-informacionais das unidades analisadas, parecem evidenciar a existência de um forte vínculo entre gesto e fala.

A ideia do *Growth Point*, de McNeill, que sintetiza algumas teorias prévias a respeito da grande importância dos gestos em nossas trocas comunicativas, sugere que os gestos são elementos essenciais na construção de significado. Em vez de serem simplesmente suplementares ou ornamentais, os gestos são parte essencial de nossa comunicação. Partindo daí, McNeill concebe a existência da unidade indissociável gesto-fala, sobre a qual se falou no capítulo 4.

De fato, em mais da metade das disfluências, os gestos também sinalizaram algum tipo de ruptura, suspensão ou truncamento; nas escansões retóricas, as ênfases prosódicas coincidiram com os núcleos das frases gestuais; nos CMM, a forte ligação existente entre eles e o tipo de relação estabelecida prosódica e semanticamente parecem ter se revelado também na esfera gestual; nos TOP, há coincidência entre presença de foco prosódico e presença de *stroke*.

Nessa perspectiva, por registrarem coincidências entre fenômenos de natureza gestual e unidades prosódico-informacionais reconhecidas pela L-AcT, os resultados desta pesquisa elucidam que essa teoria é relevante não apenas no estudo da fala espontânea, mas também dos gestos realizados em concomitância. Afinal, se fala e gesto caminham juntos como unidade indissociável, não é de se espantar que a estrutura informacional da fala emerja, de alguma maneira, nos gestos realizados pelo falante. Analogamente, o estudo dos gestos pode, também, iluminar alguns aspectos acerca das unidades prosódico-informacionais da L-AcT, facilitando, por exemplo, o reconhecimento dos tópicos, dos comentários múltiplos e de sua classificação.

Este trabalho, porém, ocupou-se de um estudo apenas qualitativo de certos fenômenos prosódicos e unidades informacionais. À medida que novas gravações forem incorporadas ao *corpus* C-ORAL-BGEST, um estudo quantitativo se tornará possível e interessante, bem como poderá ser ampliada a gama de unidades informacionais analisadas.

Em suma, os resultados obtidos reforçam, na perspectiva da L-AcT e com base nas unidades reconhecidas pela teoria, a ideia que concebe gesto e fala como faces semioticamente diferentes de um único fenômeno – ou de uma mesma unidade de pensamento.

REFERÊNCIAS

- 'T HART, Johan; COLLIER, René; COHEN, A. *A perceptual study of intonation: an experimental-phonetic approach to speech melody*. Cambridge [England], New York: Cambridge University Press, 1990.
- AUSTIN, John. *How to do things with words*. Oxford: Oxford University Press, 1988.
- BARROS, Camila; MELLO, Heliana; ALBUQUERQUE, Marianna; RASO, Tommaso. *C-ORAL-BGEST*, 2024. Disponível em: https://osf.io/3k9gu/?view_only=ce7fbffb78924056abab23c2112f3312 Acesso: 20 nov 2024.
- BAVELAS, Janet. Gesturing for the Addressee. In: CIENKI, Alan (Ed.). *The Cambridge Handbook of Gesture*. Cambridge: Cambridge University Press, 2024. p. 579-598.
- BOERSMA, Paul; WEENINK, David. *Praat: doing phonetics by computer*. [S.l.: s.n.], 2020. Disponível em: <http://www.praat.org/>. Acesso em: 7 mar. 2020.
- BRESSEM, Jana. 124. Repetitions in gesture. In: MÜLLER, Cornelia; CIENKI, Alan; FRICKE, Ellen; LADEWIG, Silva; McNEILL, David; BRESSEM, Jana (Org.). *Handbücher zur Sprach- und Kommunikationswissenschaft / Handbooks of Linguistics and Communication Science (HSK) 38/2*. Berlin, München, Boston: DE GRUYTER, 2014. Disponível em: <https://www.degruyter.com/doi/10.1515/9783110302028.1641>. Acesso em: 12 set. 2024.
- BRESSEM, Jana. 70. A linguistic perspective on the notation of form features in gestures. In: MÜLLER, Cornelia; CIENKI, Alan; FRICKE, Ellen; LADEWIG, Silva; McNEILL, David; BRESSEM, Jana (Org.). *Handbücher zur Sprach- und Kommunikationswissenschaft / Handbooks of Linguistics and Communication Science (HSK) 38/1*. Berlin, Boston: DE GRUYTER, 2013. Disponível em: <https://www.degruyter.com/doi/10.1515/9783110261318.1079>. Acesso em: 12 set. 2024.
- BRESSEM, Jana. *Repetitions in gesture: Structures, functions, and cognitive aspects*. 2012. Doctoral dissertation – Europa-Universität Viadrina, Frankfurt (Oder), 2012.
- BRESSEM, Jana; LADEWIG, Silva; MÜLLER, Cornelia. 71. Linguistic Annotation System for Gestures. In: MÜLLER, Cornelia; CIENKI, Alan; FRICKE, Ellen; LADEWIG, Silva; McNEILL, David; BRESSEM, Jana (Org.). *Handbücher zur Sprach- und Kommunikationswissenschaft / Handbooks of Linguistics and Communication Science (HSK) 38/1*. Berlin, Boston: DE GRUYTER, 2013. Disponível em: <https://www.degruyter.com/doi/10.1515/9783110261318.1098>. Acesso em: 12 set. 2024.
- BRESSEM, Jana; MÜLLER, Cornelia. 119. A repertoire of German recurrent gestures with pragmatic functions. In: MÜLLER, Cornelia; CIENKI, Alan; FRICKE, Ellen; LADEWIG, Silva; McNEILL, David; BRESSEM, Jana (Org.). *Handbücher zur Sprach- und Kommunikationswissenschaft / Handbooks of Linguistics and Communication Science (HSK) 38/2*. Berlin, München, Boston: DE GRUYTER, 2014. p. 1575–1591. Disponível em: <https://www.degruyter.com/view/books/9783110302028/9783110302028.1575/9783110302028.1575.xml>. Acesso em: 7 jul. 2023.

CANTALINI, Giorgina. *La gestualità co-verbale nel parlato spontaneo e nel recitato*. 2018. 281 f. Tesi di Dottorato – Università degli studi Roma Tre, Roma Tre, 2018.

CANTALINI, Giorgina; MONEGLIA, Massimo. *The annotation of gesture and gesture/prosody synchronization in multimodal speech corpora*. *Journal of Speech Sciences*, n. 9, p. 7–30, 2020.

CAVALCANTE, F. A. *et al.* *Topic unit detection in spontaneous speech: Measuring reliability using the Kappa statistic*. In: CHIMERA: Revista de Corpus de Lenguas Romances y Estudios Lingüísticos, v. 7, [s.n.], p. 69-106, 7 jul. 2023.

CAVALCANTE, F. *The information unit of topic: a crosslinguistic, statistical study based on spontaneous speech corpora*. Ph.D. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 11 fev. 2020.

CHU, M.; HAGOORT, P. *Synchronization of speech and gesture: Evidence for interaction in action*. In: *Journal of Experimental Psychology, General*, v. 143, n. 4, p. 1726–1741, 2014.

CONDON, William S.; OGSTON, William D. Sound film analysis of normal and pathological behavior patterns. In: *The Journal of Nervous and Mental Disease*, v. 143, n. 4, p. 338–347, out. 1966. Disponível em: <http://journals.lww.com/00005053-196610000-00005>. Acesso em: 5 ago. 2020.

COOK, Susan Wagner; FRIEDMAN, Howard; DUGGAN, Katherine; CUI, Jian; POPESCU, Voicu. Hand Gesture and Mathematics Learning: Lessons from an Avatar. In: *Cognitive Science*, 96, v. 41, n. 2, p. 518-535, mar. 2017. Disponível em: <http://doi.wiley.com/10.1111/cogs.12344>. Acesso em: 7 jul. 2023.

COOK, Susan Wagner; TANENHAUS, Michael K. Embodied communication: Speakers' gestures affect listeners' actions. *Cognition*, v. 113, n. 1, p. 98-104, out. 2009. Disponível em: <https://linkinghub.elsevier.com/retrieve/pii/S0010027709001383>. Acesso em: 6 ago. 2020.

CRESTI, E. 6. Notes on lexical strategy, structural strategies and surface clause indexes in the C-ORAL-ROM spoken corpora. In: CRESTI, E.; MONEGLIA, M. (Eds.). *Studies in Corpus Linguistics*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2005. v. 15, p. 209-256.

CRESTI, Emanuela. *Corpus dell'italiano parlato*. Firenze: Accademia della Crusca, 2000.

CRESTI, Emanuela; MONEGLIA, Massimo (Org.). *C-ORAL-ROM: integrated reference corpora for spoken Romance languages*. Amsterdam; Philadelphia, PA: J. Benjamins, 2005. (Studies in Corpus Linguistics, v. 15.)

CRESTI, Emanuela; MONEGLIA, Massimo. Informational Patterning Theory and the corpus-based Description of Spoken Language: The compositionality Issue in the Topic-Comment Pattern. In: MONEGLIA, Massimo; PANUNZI, Alessandro. *Bootstrapping information from corpora in a cross-linguistic perspective*. Firenze, Italy: Firenze University Press, 2010. p. 13-45.

EKMAN, Paul; FRIESEN, Wallace V. *The Repertoire of Nonverbal Behavior: Categories, Origins, Usage, and Coding*, 1969.

ESTEVE-GIBERT, N.; GUELLAÏ, B. Prosody in the Auditory and Visual Domains: A Developmental Perspective. *Frontiers in Psychology*, v. 9, [s.n.], p. 338, 19 mar. 2018.

ESTEVE-GIBERT, Núria. The integration of prosody and gesture in early intentional communication. 2014. 268 f. Doctoral dissertation – Universitat Pompeu Fabra, Barcelona, 2014. Firenzouli e Tucci, 2003.

FIRENZUOLI, V. *Forme Intonative di Valore Illocutivo dell'Italiano Parlato: Analisi Sperimentale di un Corpus di Parlato Spontaneo*. 2003. Tesi di Dottorato – Università degli Studi di Firenze, Firenze, 2003.

FIRENZUOLI, V.; SIGNORINI, S. *L'unità informativa di topic: correlati intonativi*. In: LA COARTICOLAZIONE, 28 nov. 2002, Pisa. Anais. Pisa: ETS, 28 nov. 2002. p. 177-184.

FREEDMAN, Norbert; HOFFMAN, Stanley P. *Kinetic Behavior in Altered Clinical States: Approach to Objective Analysis of Motor Behavior during Clinical Interviews*. *Perceptual and Motor Skills*, v. 24, n. 2, p. 527–539, abr. 1967. Disponível em: <http://journals.sagepub.com/doi/10.2466/pms.1967.24.2.527>. Acesso em: 5 ago. 2020.

GOLDIN-MEADOW, Susan. *Hearing gesture: How our hands help us think*. Cambridge, MA, US: Belknap Press of Harvard University Press, 2003. p. xiv, 280 (Hearing gesture: How our hands help us think.).

GOLDIN-MEADOW, Susan; BRENTARI, Diane. *Gesture, sign, and language: The coming of age of sign language and gesture studies*. *Behavioral and Brain Sciences*, v. 40, [s.n.], p. e46, 2017. Disponível em: https://www.cambridge.org/core/product/identifier/S0140525X15001247/type/journal_article. Acesso em: 5 ago. 2020.

HAVILAND, John. Anchoring, Iconicity, and Orientation in Guugu Yimithirr Pointing Gestures. *Journal of Linguistic Anthropology*, v. 3, n. 1, p. 3-45, jun. 1993. Disponível em: <http://doi.wiley.com/10.1525/jlin.1993.3.1.3>. Acesso em: 27 out. 2020.

KENDON, Adam. Gesticulation and speech: Two aspects of the process of utterance. In: KEY, Mary Ritchie (Org.). *The relationship of Verbal and Nonverbal Communication*. The Hague: Mouton and Co., 1980. p. 207-227.

KENDON, Adam. *Gesture: Visible Action as Utterance*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004. Disponível em: <http://ebooks.cambridge.org/ref/id/CBO9780511807572>. Acesso em: 5 ago. 2020.

KENDON, Adam. How gestures can become like words. In: POTAYOS (Org.). *Cross-Cultural Perspectives in Nonverbal Communication*. [S.l.]: [s.n.], 1988. p. 131-141.

KENDON, Adam. Relationships between body motion and speech. [S.l.: s.n.], 1972. p. 177-210.

KITA, Sotaro; ALIBALI, Martha W.; CHU, Mingyuan. *How do gestures influence thinking and speaking? The gesture-for-conceptualization hypothesis*. *Psychological Review*, v. 124, n. 3, p. 245–266, 2017. Disponível em:

<http://doi.apa.org/getdoi.cfm?doi=10.1037/rev0000059>. Acesso em: 5 ago. 2020.

KITA, Sotaro; ÖZYÜREK, Asli. What does cross-linguistic variation in semantic variation. *Journal of Memory and Language*, v. 48, [s.n.], p. 16–32, 2003.

KITA, Sotaro; VAN GIJN, Ingeborg; VAN DER HULST, Harry. Movement phases in signs and co-speech gestures, and their transcription by human coders. In: WACHSMUTH, Ipke; FRÖHLICH, martin (Org.). *Gesture and Sign Language in Human-Computer Interaction*. Lecture Notes in Computer Science. Berlin, Heidelberg: Springer Berlin Heidelberg, 1998. v.1371. p. 23–35. Disponível em: <http://link.springer.com/10.1007/BFb0052986>. Acesso em: 5 mai. 2024.

LADEWIG, Silva. 118. Recurrent gestures. In: MÜLLER, Cornelia; CIENKI, Alan; FRICKE, Ellen; LADEWIG, Silva; McNEILL, David; BRESSEM, Jana (Org.). *Handbücher zur Sprach- und Kommunikationswissenschaft / Handbooks of Linguistics and Communication Science (HSK) 38/2*. Berlin, München, Boston: DE GRUYTER, 2014a. Disponível em: <https://www.degruyter.com/doi/10.1515/9783110302028.1558>. Acesso em: 5 mai. 2024.

LADEWIG, Silva. 126. Creating multimodal utterances: The linear integration of gestures into speech. In: MÜLLER, Cornelia; CIENKI, Alan; FRICKE, Ellen; LADEWIG, Silva; McNEILL, David; BRESSEM, Jana (Org.). *Handbücher zur Sprach- und Kommunikationswissenschaft / Handbooks of Linguistics and Communication Science (HSK) 38/2*. Berlin, München, Boston: DE GRUYTER, 2014b. Disponível em: <https://www.degruyter.com/view/books/9783110302028/9783110302028.1662/9783110302028.1662.xml>. Acesso em: 5 mai. 2024.

LADEWIG, Silva. *Syntactic and semantic integration of gestures into speech – Structural, cognitive, and conceptual aspects*. 2012. Doctoral dissertation – European University, Frankfurt (Oder), 2012.

LADEWIG, Silva; BRESSEM, Jana. 69. A linguistic perspective on the notation of gesture phases. In: MÜLLER, Cornelia; CIENKI, Alan; FRICKE, Ellen; LADEWIG, Silva; McNEILL, David; BRESSEM, Jana (Org.). *Handbücher zur Sprach- und Kommunikationswissenschaft / Handbooks of Linguistics and Communication Science (HSK) 38/1*. Berlin, Boston: DE GRUYTER, 2013. Disponível em: <https://www.degruyter.com/doi/10.1515/9783110261318.1060>. Acesso em: 5 mai. 2024.

LOEHR, Dan. *Intonation and Gesture*. 2004. 214 f. Doctoral dissertation – University of Georgetown, Washington, D.C., 2004.

MACWHINNEY, Brian. *The CHILDES Project: Tools for Analyzing Talk*. 3rd Edition ed. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 2000. Disponível em: <https://talkbank.org/manuals/CHAT.pdf>. Acesso em: 8 out. 2024.

MAYBERRY, R.; JAQUES, L. Gesture production during stuttered speech: insights into the nature of gesture–speech integration. In: MACNEILL, D. (ed). *Language and Gesture*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

MCNEILL, David (Org.). *Language and Gesture*. 1. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2000. Disponível em:

<https://www.cambridge.org/core/product/identifier/9780511620850/type/book>. Acesso em: 5 mai. 2024. (Language Culture and Cognition, #2).

MCNEILL, David. *Gesture and thought*. Chicago: University of Chicago Press, 2005.

MCNEILL, David. *Hand and mind: What gestures reveal about thought*. Chicago, IL, US: University of Chicago Press, 1992.

MCNEILL, David. *How Language Began*. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.

MCNEILL, David. The Growth Point. In: CIENKI, Alan (Ed.). *The Cambridge Handbook of Gesture*. Cambridge: Cambridge University Press, 2024. p. 477-500.

MCNEILL, David. *So you think gestures are nonverbal?* Psychological Review, v. 92, n. 3, p. 350–371, 1985. Disponível em: <http://doi.apa.org/getdoi.cfm?doi=10.1037/0033-295X.92.3.350>. Acesso em: 06 mai. 2024.

MELLO, Heliana; RASO, Tommaso. Illocution, modality, attitude: different names for different categories. In: MELLO, Heliana; PANUNZI, Alessandro; RASO, Tommaso (Org.). *Pragmatics and Prosody: Illocution, Modality, Attitude, Information Patterning and Speech Annotation*. Firenze: Firenze University Press, 2011. p. 1–18.

MELLO, Heliana; RASO, Tommaso; MITTMANN, Maryualê; VALE, Heloisa; CÔRTEZ, Priscila. Transcrição e segmentação prosódica do corpus C-ORAL-BRASIL: critérios de implementação e validação. In: RASO, Tommaso; MELLO, Heliana. *C-ORAL-BRASIL I: Corpus de referência do português brasileiro falado informal*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012. p. 125-176.

MITTELBERG, Irene. *Metaphor and metonymy in language and gesture: Discourse evidence for multimodal models of grammar*. Thesis (Ph.D.) – Cornell University, Dept. Of Linguistics and Philosophy, Ithaca, 2006.

MITTELBERG, Irene; HINNELL, Jennifer. Ionicity, Schematicity, and Representation in Gesture. In: CIENKI, Alan (Ed.). *The Cambridge Handbook of Gesture*. Cambridge: Cambridge University Press, 2024. p. 56-83.

MONEGLIA, Massimo. Spoken corpora and pragmatics. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, v. 11, n. 2, p. 479–519, 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-63982011000200009&lng=en&tlng=en. Acesso em: 5 nov. 2024.

MONEGLIA, Massimo; RASO, Tommaso. Appendix: Notes on the Language into Act Theory. In: RASO, Tommaso; MELLO, Heliana (Org.). *Studies in Corpus Linguistics*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2014. v. 61. p. 468-495. Disponível em: <https://benjamins.com/catalog/scl.61.15mon>. Acesso em: 5 nov. 2024.

MONEGLIA, Massimo; RASO, Tommaso; MITTMANN, Maryualê; MELLO, Heliana. Challenging the Perceptual Relevance of Prosodic Breaks in Multilingual Spontaneous Speech Corpora.pdf. In: *SATELLITE WORKSHOP ON PROSODIC PROMINENCE*. Disponível em: https://www.isca-speech.org/archive/sp2010/sp10_2010.html. Acesso em: 7 jul 2024.

MÜLLER, Cornelia. Gesture and Sign: Cataclysmic Break or Dynamic Relations? *Frontiers in Psychology*, v. 9, [s.n.], p. 1.651, 10 set. 2018. Disponível em: <https://www.frontiersin.org/article/10.3389/fpsyg.2018.01651/full>. Acesso em: 5 ago. 2020.

MÜLLER, Cornelia. How recurrent gestures mean: Conventionalized contexts-of-use motivation. *Gesture*, v. 16, n. 2, p. 277–304, 31 dez. 2017. Disponível em: <http://www.jbe-platform.com/content/journals/10.1075/gest.16.2.05mul>. Acesso em: 5 ago. 2020.

MUMFORD, Katherine H.; KITA, Sotaro. Children Use Gesture to Interpret Novel Verb Meanings. *Child Development*, v. 85, n. 3, p. 1.181-1.189, mai. 2014. Disponível em: <http://doi.wiley.com/10.1111/cdev.12188>. Acesso em: 6 mai. 2023.

PANUNZI, Alessandro; GREGORI, Lorenzo; ROCHA, Bruno. Chapter 8. Comparing annotations for the prosodic segmentation of spontaneous speech: Focus on reference units. In: IZRE'EL, Shlomo; MELLO, Heliana; PANUNZI, Alessandro; RASO, Tommaso. (Org.). *Studies in Corpus Linguistics*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2020. v. 94. p. 403-431. Disponível em: <https://benjamins.com/catalog/scl.94.17pan>. Acesso em: 6 jul. 2024.

PANUNZI, Alessandro; MITTMANN, Maryualê Malvessi. The IPIC resource and a cross-linguistic analysis of information structure in Italian and Brazilian Portuguese. In: RASO, Tommaso; MELLO, Heliana (Org.). *Studies in Corpus Linguistics*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2014. v. 61. p. 129-151. Disponível em: <https://benjamins.com/catalog/scl.61.05pan>. Acesso em: 6 jul. 2024.

PANUNZI, Alessandro; SCARANO, A. Parlato spontaneo e testo: analisi del racconto di vita. In: *I PARLANTI E LE LORO STORIE: COMPETENZE LINGUISTICHE, STRATEGIE COMUNICATIVE, LIVELLI DI ANALISI*, 2009, Palermo. Anais. Palermo: Centro di studi filologici e linguistici siciliani, 2009. p. 121-132.

POUW, W.; TRUJILLO, J. P.; DIXON, J. A. The quantification of gesture–speech synchrony: A tutorial and validation of multimodal data acquisition using device-based and video-based motion tracking. *Behavior Research Methods*, v. 52, n. 2, p. 723-740, 7 ago. 2024.

RASO, T.; MITTMANN, M. M.; MENDES, A. C. O. O papel da pausa na segmentação prosódica de corpora de fala. In: *Revista Estudos da Linguagem*, v. 23, n. 3, p. 883, 22 dez. 2015.

RASO, TOMMASO; Cavalcante, F ; MITTMANN, M. M. . Prosodic forms of the Topic information unit in a crosslinguistic perspective. In: A. De Meo & M. F. Dovetto. (Eds.). *La comunicazione parlata / Spoken Communication*. 1ed.Roma: Aracne, 2017, v. , p. 473-498.

RASO, T.; ROCHA, B. *Illocution and attitude*: on the complex interaction between prosody and pragmatic parameters. *Journal of Speech Sciences*, v. 5, n. 2, p. 5–27, 6 fev. 2021.

RASO, Tommaso. Fala e escrita: meio, canal, consequências pragmáticas e linguísticas. In: *Domínios de Linguagem*, v. 7, n. 2, p. 12–46, 23 dez. 2013. Disponível em:

<http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/23730/13568>. Acesso em: 12 out. 2024.

RASO, Tommaso. Prosodic constraints for discourse markers. In: RASO, TOMMASO; MELLO, HELIANA (Org.). *Studies in Corpus Linguistics*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2014. v. 61. p. 411-467. Disponível em: <https://benjamins.com/catalog/scl.61.14ras>. Acesso em: 7 ago. 2024.

RASO, Tommaso; MELLO, Heliana (Org.). *C-ORAL-BRASIL I: Corpus de referência do português brasileiro falado informal*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

RASO, Tommaso; MELLO, Heliana; FERRARI, Lucia de Almeida. *C-ORAL-BRASIL: corpus de referência do português brasileiro falado*. II, em preparação.

RASO, Tommaso; MITTMANN, Maryualê Malvessi. Validação estatística dos critérios de segmentação da fala espontânea no corpus C-ORAL-BRASIL. In: *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 17, n. 2, p. 73–91, 31 dez. 2009. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/2532>. Acesso em: 7 ago. 2024.

RASO, Tommaso; ROCHA, Bruno. Como a categoria de atitude condiciona a metodologia para o estudo das ilocuções. *Revista Diadorim*, v. 17, n. 2, p. 173–197, 26 dez. 2015. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/4075>. Acesso em: 7 ago. 2024.

RASO, Tommaso; VIEIRA, Marcelo. *A description of Dialogic Units/Discourse Markers in spontaneous speech corpora based on phonetic parameters*. p. 29, 2015.

ROCHA, B. Metodologia empírica para o estudo de ilocuções naturais do PB. In: *Domínios de Linguagem*, v. 7, n. 2, p. 109–148, dez. 2013.

ROCHA, Bruno. Uma metodologia empírica para a identificação e descrição de ilocuções e a sua aplicação para o estudo da Ordem em PB e Italiano. 2016. 266 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

ROWBOTHAM, Samantha et al. Handling pain: The semantic interplay of speech and co-speech hand gestures in the description of pain sensations. *Speech Communication*, v. 57, p. 244-256, fev. 2014. Disponível em: <https://linkinghub.elsevier.com/retrieve/pii/S0167639313000447>. Acesso em: 5 ago. 2024.

SACCONI, Valentina; PANUNZI, Alessandro. Le unità di Comment Multiplo Analisi secondo la Teoria della Lingua in Atto. In: *La comunicazione parlata*. Spoken Communication, dicembre 2020. pp. 263–285

SANTOS, Saulo Mendes. *Parentético e outras unidades informacionais curtas: uma distinção através da análise das diferentes realizações prosódicas do lexema ASSIM*. 2020. 142 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020.

SANTOS, Saulo Mendes; BOSSAGLIA, Giulia. *Morphosyntactic, prosodic, functional, and distributional description of the information unit of Parenthesis in spoken Brazilian Portuguese*, v. 6, [s.n.], p. 27, 2018.

SEYFEDDINIPUR, M. Disfluency: Interrupting speech and gesture. PhD Thesis, Radboud University Nijmegen, Nijmegen, 2006. doi:10.17617/2.59337.

TEIXEIRA, B. *Correlatos fonético-acústicos de fronteiras prosódicas na fala espontânea*. Dissertação de Mestrado—Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 20 fev. 2018.

TOLEDO, Gabriela. *As características prosódicas temporais da unidade informacional de introdutor locutivo*. Dissertação de Mestrado — Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2024.

TUCCI, Ida. Obiter dictum: La funzione informativa delle unità parentetiche. In: *GSCP*, 2010, Napoli. Anais. Napoli: Università l' Orientale Press, 2010. p. 365-654.

VITAL, Átila. *As Disfluências na Fala de Pacientes com Esquizofrenia em Relação à Fala Não Patológica: uma Comparação Baseada no C-ORAL-ESQ e no C-ORAL-BRASIL*. 2023. 1-70. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Linguística) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2023.

WAKEFIELD, Elizabeth M.; GOLDIN-MEADOW, Susan. Harnessing Our Hands to Teach Mathematics: How Gesture Can Be Used as a Teaching Tool in the Classroom. In: DUNLOSKY, John; RAWSON, Katherine A. (Org.). *The Cambridge Handbook of Cognition and Education*. 1. ed. Cambridge University Press, 2019. p. 209–234. Disponível em: https://www.cambridge.org/core/product/identifier/9781108235631%23CN-bp-9/type/book_part. Acesso em: 5 ago. 2024.

WITTENBURG, Peter; BRUGMAN, Hennie; RUSSEL, Albert; KLASSMANN, Alex; SLOETJES, Han. ELAN: a Professional Framework for Multimodality Research. In: FIFTH INTERNATIONAL CONFERENCE ON LANGUAGE RESOURCES AND EVALUATION, 2006, Nijmegen. Anais. Nijmegen: Max Planck Institute for Psycholinguistics, The Language Archive, 2006. p. 1556–1559. Disponível em: <https://archive.mpi.nl/tla/elan>. Acesso em: 5 ago. 2024.

APÊNDICE A**EXEMPLOS**

[Disponível apenas em meio eletrônico.](#)

APÊNDICE B

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a) Participante,

Você está sendo convidado para participar do projeto *C-ORAL-BGEST*. Caso este Termo de Consentimento contenha palavras que você não entenda, peça ao pesquisador que explique as palavras ou informações não compreendidas. Essa pesquisa tem como objetivo analisar como certos gestos são realizados durante a fala espontânea e as relações que o movimento corporal pode ter com a prosódia (a modulação da voz em termos de entoação, intensidade e duração). Você foi selecionado porque fala português brasileiro, reside na região de Minas Gerais, é maior de idade e tem pouco ou nenhum conhecimento de línguas de sinais, mas sua participação é voluntária e o seu consentimento pode ser retirado em qualquer momento.

Para participar deste estudo, solicito a sua especial colaboração em permitir que você seja gravado e filmado durante um intervalo de tempo de não mais de uma hora, em um lugar e horário da sua preferência, combinado com o (a) pesquisador(a) que o(a) contatou, em que você conversará livremente com o pesquisador e/ou mais pessoas. O pesquisador se deslocará até o local por você indicado para que a gravação seja realizada, seja na UFMG ou em outro lugar. Será colocado um microfone de lapela em cada participante e uma ou mais câmeras vão capturar os seus movimentos e, eventualmente, aqueles dos outros participantes da gravação. As câmeras estarão posicionadas de maneira frontal ou lateral sobre tripés ou móveis, de maneira que sua atenção não recaia sobre elas e a interação ocorra da maneira mais natural possível. Espera-se que você permaneça sentado ou de pé com o tronco exposto para a câmera e com as mãos livres, para possibilitar a captura dos movimentos faciais e gestuais.

Essas gravações têm o fim único de serem objeto de pesquisa. Elas serão agrupadas em um corpus (*C-ORAL-BGEST*) que se tornará acessível à comunidade científica. Essas gravações têm o fim único de serem objeto de pesquisa. Elas serão agrupadas em um corpus (*C-ORAL-BGEST*) que se tornará acessível à comunidade científica. Não mais de 10 minutos de áudio/vídeo de cada gravação será transcrito e disponibilizado para a comunidade, devidamente anonimizado. O restante do material gravado será armazenado no servidor do Laboratório de

Estudos Empíricos e Experimentais da Linguagem (LEEL) por no máximo 6 anos. Depois deste prazo as gravações serão destruídas. A imagem facial das pessoas gravadas será anonimizada. Portanto você não será reconhecível. Mesmo assim, você tem o direito de assistir à gravação e decidir se ela poderá ou não ser usada. Durante a gravação, você poderá ficar constrangido, cansado ou desconfortável. Caso isso aconteça, a gravação será interrompida imediatamente. Você não terá nenhum gasto com a sua participação no estudo e, também, não receberá pagamento por ele. Consideramos que essa pesquisa não trará benefícios diretos para você, salvo o benefício indireto de ampliar os conhecimentos sobre como gestualidade interage com a prosódia, ao doar o seu tempo e imagem para uma pesquisa científica.

Rubrica do participante

Rubrica do pesquisador

Garantimos que sua identidade será preservada, pois seu nome será identificado com uma sigla e o registro da correspondência de cada sigla ao informante será mantido em sigilo. Tal sigla será associada aos seguintes dados: faixa etária (dentro de um leque de pelo menos 10 anos); nível de estudo (dividido entre nenhum ou primeiro grau incompleto, primeiro grau completo, segundo grau completo, terceiro grau completo); sexo; tipologia de trabalho e origem. Se em algum trecho da gravação ocorrer que você se identifique ou der alguma informação sensível, o trecho será bipado de modo a impossibilitar a recuperação das informações.

Trechos das gravações (normalmente dez minutos) serão transcritos e anotados e as amostras escolhidas para o estudo constarão em um banco de dados alojado em uma plataforma sob o controle do Laboratório de Estudos Empíricos e Experimentais da Linguagem (LEEL) da Faculdade de Letras da UFMG. Apenas os pesquisadores responsáveis poderão acessar as gravações que serão consideradas idôneas para pesquisa. As gravações originais e os dados dos participantes serão armazenados em nosso banco de dados eletrônico cujo acesso é restrito aos responsáveis por esta pesquisa. Você ficará com uma via de igual teor e conteúdo deste Termo

e poderá manifestar suas dúvidas, a qualquer tempo, ao pesquisador que o(a) contactou, em Belo Horizonte.

Em casos de dúvidas quanto a pesquisa contate: Tommaso Raso, Av. Antônio Carlos, 6627, Faculdade de Letras – UFMG. Belo Horizonte, MG – Brasil. CEP: 31270-901. E-mail: tRaso@ufmg.br, Tel: 34996065. Ou a pesquisadora: Marianna Bicalho de Albuquerque, Av. Antônio Carlos, 6627, Faculdade de Letras, Sala 4015 – UFMG, Belo Horizonte, MG – Brasil. CEP: 31270-901. E-mail: mariannab@ufmg.br).

Dúvidas a respeito da ética dessa pesquisa poderão ser questionadas ao Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG: Av. Antônio Carlos, 6627. Unidade Administrativa II – 2º andar – Sala 2005. Belo Horizonte, MG – Brasil. CEP: 31270-901. E-mail: coep@prpq.ufmg.br. Tel: 34094592.

Rubrica do participante

Rubrica do pesquisador

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____, dou meu consentimento de livre e espontânea vontade para participar deste estudo. Após ter lido as informações contidas neste documento e terem sido os objetivos, a importância do estudo e o modo que os dados serão coletados e armazenados, dou meu consentimento de livre e espontânea vontade para participar do estudo *C-ORAL-C-ORAL-BGEST*, conhecendo os riscos, desconfortos e benefícios que ela trará para mim e ter ficado ciente de todos os meus direitos.

Confirmo também que recebi uma via de igual teor e conteúdo deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Compreendo que sou livre para me retirar do estudo em qualquer momento, sem perda de benefícios ou qualquer outra penalidade.

Autorizo a gravação e a utilização de imagem para fins acadêmicos.

_____, _____ de _____ de _____.

Assinatura do participante

Assinatura do colaborador da pesquisa

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E VOZ

Eu _____, AUTORIZO a gravação em vídeo da minha imagem e voz para utilização na pesquisa *C-ORAL-BGEST* a serem exibidos total ou parcialmente, veiculados em meios de comunicação, publicações e apresentações para fins de pesquisa e divulgação de conhecimento científico. Porém, não devo ser identificado por nome ou qualquer outra forma.

Fica ainda autorizada, de livre e espontânea vontade, para os mesmos fins, a concessão de direitos da veiculação das imagens não recebendo para tanto qualquer tipo de remuneração.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem e voz ou a qualquer outro, e assino a presente autorização retendo uma via de igual teor e conteúdo.

- Autorizo que minha imagem seja usada integralmente em publicações científicas.
- Autorizo que minha imagem seja usada no corpus C-ORAL-B-GEST em publicações científicas, desde que na forma de ilustração ou com algum tratamento de imagem que dificulte minha identificação.
- Não autorizo que minha imagem seja usada em publicações científicas de nenhuma forma.

_____, _____ de _____ de _____.

Assinatura do participante

Assinatura do colaborador da pesquisa

APÊNDICE C

TABELAS DE DADOS

[Disponível apenas em meio eletrônico.](#)